

Repositório Cristão Compêndio de Artigos

Drawbridge - Hérnias - Kent -
Liciniano - Musculus - Tomás
de Aquino - Tomás de Kempis
- Zuínglio

2024 - 1

Sumário

Teologia

- 3** Sobre a Confissão - Úlrico Zuínglio
- 6** Que Deus Existe - Wolfgang Musculus
- 10** Terceira carta de Liciniano, bispo de Cartagena, a Vicente, bispo da ilha de Ibiza - Liciniano de Cartagena
- 15** Ter uma opinião humilde de si mesmo - Tomás de Kempis
- 16** Didaquê dos Doze Apóstolos
- 21** O Trabalho de Paulo em Atenas e Corinto - Charles Foster Kent

Apologética

- 27** Se, além da filosofia, é necessária alguma doutrina adicional? - Tomás de Aquino
- 29** Dissertação preliminar sobre a conformidade da fé com a razão - Leibniz

Filosofia cristã

- 31** O escárnio dos filósofos gentios - Hérnias, o Filósofo
- 36** Mal moral - Cyprian Leycester Drawbridge

Biografia

- 49** John Wesley

Sobre a confissão

As Sagradas Escrituras conhecem uma outra forma de confissão, aquela pela qual o homem se reconhece e se lança à misericórdia de Deus, conforme as palavras do profeta no Salmo 32 [Salmo 32.5]: "Declarei-te o meu pecado, e não encobri a minha iniquidade. Disse: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões, e tu perdoaste a culpa do meu pecado". Portanto, assim como somente Deus é quem perdoa os pecados e acalma a mente, assim também somente a Ele devemos apresentar nossas feridas para serem curadas e somente a Ele nos expor para sermos curados. Pois quem jamais expôs uma ferida a qualquer outro que não fosse um médico ou alguém de quem esperava receber um conselho útil? Assim é também com a confissão: somente Deus é quem cura nossas mentes, portanto, a Ele somente devemos apresentar nossas feridas. E se por acaso não reconheces o médico ou desconheces onde ele reside, ninguém impede que leves tua ferida a um consultor sábio, rogando-lhe que dê um conselho. Esse conselheiro sábio e fiel é o ministro da palavra de Deus, que, como o bom samaritano, derrama vinho e óleo nas feridas [Lucas 10.34]. O vinho representa a acidez do arrependimento, ao qual ele conduz o homem quando o expõe a si mesmo, para que aprenda a reconhecer a si mesmo e, às vezes, até mesmo arraste o resistente à autoconsciência em meio à hipocrisia. É uma coisa amarga e dolorosa ser o pior de si mesmo internamente e na aparência; é mais amargo ainda quando não se pode ocultar a própria maldade; e é amarguíssimo quando se reconhece estar morto e desprovido de esperança. Aqui a ferida começa a arder. Logo, o ministro da palavra deve derramar o óleo, isto é, Cristo, que foi ungido com o óleo da alegria acima de todos, isto é, mostrar a grandeza da graça que Deus nos concedeu por meio Dele. Uma vez que o homem aprende isso, não pode mais ser contido e corre em direção a Ele. Portanto, essa confissão auricular nada mais é do que uma consulta pela qual buscamos aconselhamento daquele que Deus estabeleceu para esse propósito, a fim de que possamos encontrar descanso para a mente. Eis, portanto, as chaves, eis o evangelho, sobre o que já foi dito o suficiente. Portanto, o ministro da palavra te evangeliza; e tu, que foste evangelizado, ou seja, que recebeste a Cristo, já estás absolvido e libertado do fardo dos pecados, e sentirás um alívio na mente, mesmo que nenhum pontífice pronuncie palavras formais de absolvição sobre ti.

Portanto, são fábulas e puras tolices aquilo que os pontífices prometem a respeito das chaves. Junte a isso as doutrinas audaciosas de alguns que afirmam que através das chaves um homem pode tornar-se certo, mesmo que não seja interiormente certo por meio da fé. Dirá em vão: "Você está livre". Pois não podes, com tuas palavras, torná-lo mais certo do que podes transformar uma mosca em elefante quando lhe disseres:

"Você é um elefante". Podes ensinar e explicar a razão do Evangelho, mas em vão, a menos que o Senhor mesmo ensine interiormente. Quantos são aqueles que ouvem e não recebem [cf. Marcos 4.15]? Qual é a causa de não receberem? Deus não os atrai [cf. João 6.44]. Assim que Ele os atrai, eles correrão a Ele sem a tua intervenção. Se cada pessoa não possuir essa certeza de fé, será em vão que será absolvida seiscentas vezes por um sacerdote, pois jamais partirá dele sem estar desesperado e desanimado. Quanto às invenções que foram transmitidas sobre a confissão, são como um oceano e as trevas dos Cimmerianos. Portanto, não vale a pena refutá-las. Pois, se considerares corretamente o que adicionaremos em seguida, poderás navegar com segurança através de toda a Escritura no que diz respeito à confissão, de modo que verás facilmente que não há menção alguma de confissão auricular, como a que temos usado até agora. [I.] Primeiramente, "confessar" é louvar e dar graças ao Senhor, como em "Louvai ao Senhor, porque Ele é bom" (Salmo 136.1) etc., assim como os filhos de Israel cantaram após a afogamento de Faraó. [II.] Em seguida, "confessar" é confiar no Senhor, reconhecendo que Ele é nossa rocha e refúgio, como no Salmo 104 (Salmo 105.1-25) e em 1 João 4 (1 João 4.15ss): "Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus" etc. [III.] A seguir, "confessar" é reconhecer o que é apresentado a ti ou de que és acusado; assim como aqueles que eram incomodados pela pregação de João, confessavam ter aquilo que ele pregava. Da mesma forma, hoje confessam seus pecados aqueles que, ao ouvirem a palavra de Deus, são afligidos, a fim de que se reconheçam e imediatamente se dirijam ao médico. [IV.] Por último, confessamos nossos pecados quando informamos nosso próximo ou um doutor sobre um crime oculto, para que, juntos, possamos suplicar a Deus celestial por perdão, ou para que encontremos conselho, como já foi dito, a fim de resistirmos ao mal no futuro. Sobre essa confissão, Tiago 5 [Tiago 5.16] fala: "Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis; a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos". Com base nesse texto, os pontífices até agora têm defendido a confissão auricular, quando, na verdade, o divino Tiago não está falando disso, mas da confissão que cada um faz a seu próximo, abrindo-lhe alguma ferida interna e escondida. Portanto, desse texto, não pode ser expresso mais nada além disso, exceto que cada pessoa deve se encontrar com o próximo para orar por seus próprios pecados junto com ele, e, para fazê-lo de forma mais intensa, deve expor o fodor da ferida.

Em resumo, aquele que confia em Deus, como foi dito em segundo lugar, já faz uma suficiente confissão; aquele que O louva e agradece pelos benefícios recebidos, como mencionado em primeiro lugar; aquele que reconhece seus pecados e os lamenta diante do Senhor, como foi dito em terceiro lugar; aquele que constantemente ora por perdão em comunhão com seus irmãos, como foi mencionado por último. Digo, portanto, que já faz uma suficiente confissão aquele que está assim disposto e não precisa de nenhum sacerdote. Mas, para aquele que não é instruído dessa forma, certamente necessitará de um sacerdote. Porém, de qual sacerdote? Não do que busca as chaves das arcas adulterinas, mas sim daquele que ensina a reconhecer tanto a miséria quanto a graça conforme a Palavra de Deus. Portanto, a consulta é uma

confissão secreta, a exposição das chaves do Evangelho e o restante é vento que os papistas suspiram.

Mas há quem diga que muitos cometerão muitos crimes que não os compelirão à confissão. Respondemos a eles da seguinte maneira: Sois inexperientes ou hipócritas. Inexperientes, porque não aprendestes que por causa da confissão, muitos pouparam ninguém de seus crimes; pelo contrário, sabemos que, se havia vergonha em confessar, muitos pouparam-se de fazê-lo, mantendo em segredo o que haviam perpetrado. Hipócritas, porque não há ninguém que possa ignorar quão ousadamente muitos dissimularam, até mesmo fingindo justiça, onde queriam ser vistos como tendo revelado tudo sinceramente e lamentado. Ainda assim, ousamos defender que nada mais foi do que uma enganação de todos os bens; pois se o Senhor dos Exércitos não tivesse nos deixado uma semente [cf. Isaías 6.13], isto é, a luz do Evangelho redescoberta posteriormente, tudo estaria perdido, incluindo bens, esforços e posses. Por acaso, o pontífice romano não afirmava que todos os reinos eram seus? Vimos nós mesmos o legado do pontífice romano em Zurique afirmando que certos edifícios eram seus. Portanto, confessemos frequentemente ao Senhor, comecemos frequentemente uma nova vida, ou pelo menos, busquemos frequentemente um conselheiro prudente, que não olhe para cofres, mas para a consciência!

~

Úlrico Zuínglio, nascido em 1484 na Suíça, foi um destacado reformador durante a Reforma Protestante no século XVI. Inicialmente um padre católico, ele questionou as práticas da Igreja, especialmente as indulgências, e tornou-se pastor em Zurique em 1519. Zuínglio advogava pela supremacia da Escritura e contestava a doutrina da transubstanciação. Sua postura divergente de Martinho Lutero sobre a Eucaristia levou a divisões na Reforma. Em 1531, durante a Segunda Guerra de Kappel, Zuínglio foi morto em combate, mas suas ideias continuaram a influenciar o protestantismo, especialmente a tradição reformada.

Livro: Sobre a verdadeira e a falsa religião (1525).

Que Deus existe

Não há questão mais fundamental do que aquela que indaga se Deus existe ou não. Essa questão não teria motivo algum para ser levantada se a impiedade não tentasse, em diversas ocasiões, incitar a negação de Deus e desviar o coração humano dessa crença. Esse teste pode ser encontrado tanto nas escrituras sagradas quanto nos escritos dos pagãos. O famoso trecho de Cícero sobre Protagoras, Diagoras de Melos e Teodoro, o Cirenaico, é bem conhecido. Protagoras, como Cícero relata, tinha suas dúvidas sobre a existência de Deus ou, pelo menos, não estava certo disso. Os outros dois, Diagoras e Teodoro, negaram categoricamente a existência de deuses imortais, uma crença que os sábios humanos consideravam inventada por conveniência. O próprio rei Davi, nas sagradas escrituras, denuncia essa impiedade ao declarar: "Disse o insensato no seu coração: Não há Deus" (Salmo 14). Quem não vê quão vazios e vãos são todos os mistérios religiosos, a menos que, em primeiro lugar, se admita a existência de Deus? Quem adoraria com coração firme e convicto aquele que ele mesmo nega ou duvida? Portanto, o apóstolo Paulo acertadamente afirmou em Hebreus 11:6: "Ora, sem fé é impossível agradar a Deus, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam." O apóstolo primeiro estabeleceu a necessidade dessa fé, que crê na existência de Deus, e então acrescentou qual deve ser a natureza dessa fé.

Com base nessa razão e na autoridade do apóstolo, apresentamos a questão "Deus existe?" em primeiro lugar, para lembrar aos estudantes de teologia que eles devem manter essa crença, não apenas como o primeiro princípio de nossa religião, mas também como algo que eles devem inculcar fielmente nos outros, como algo indiscutível e sem o qual ninguém pode progredir na piedade: a saber, a existência de Deus. Pois, na minha opinião, não é seguro nem firme supor que essa fé, que afirma que Deus existe, está inerentemente presente na mente de todos os mortais, de modo que ninguém em qualquer lugar duvida da existência de Deus em seu coração, ou pelo menos não é perturbado por dúvidas por instigação de Satanás.

Como podemos chegar à conclusão de que Deus existe, considerando o estado tão corrompido e obscurecido dos nossos sentidos, a ponto de podermos afirmar com certeza que Deus existe e que devemos servi-Lo?

Para tornar acessível a compreensão da existência de Deus, especialmente para aqueles que são menos instruídos, devo começar com o que é claro. Mesmo que seja mais razoável investigar como é possível que o homem, criado à imagem de Deus e iluminado por uma espécie de luz celestial, não conheça a Deus, em quem vive, se move e existe, não apenas como o Criador, mas também como aquele que sustenta

todas as coisas, e a quem não apenas não conhecemos, mas que também está próximo de todos nós, como o apóstolo diz: "Ele não está longe de cada um de nós. Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração" (Atos 17:27-28). No entanto, para o benefício dos menos instruídos, devemos explorar as razões pelas quais podemos compreender a existência de Deus.

Quanto a esta consideração atual, três tipos de razões surgem pelas quais Deus se manifesta às mentes humanas. O primeiro é o mais geral de todos, que é realizado por meio de Suas obras. O segundo é mais específico e é realizado por meio de Suas palavras. O terceiro é o mais específico de todos e é realizado por meio de Sua influência secreta.

Assim, o primeiro é a manifestação por meio de Suas obras, na qual a majestade divina é exibida em Suas obras tanto no céu quanto na terra. Esta é a razão mais geral, pois é dirigida a todos os mortais de todas as nações, para que ninguém possa se desculpar por ignorar a Deus. Certamente, nossas mentes têm a capacidade de entender a existência de Deus, como se tivéssemos olhos nos quais podemos ver o artífice nas obras de Deus. Mas, a menos que houvesse tal esplendor nas obras de Deus, que manifestasse a majestade do Criador em todo o mundo, nossa razão não teria meios pelos quais poderia compreender que Deus existe. Portanto, a primeira razão para entender a existência de Deus é dada pela beleza e esplendor das obras de Deus, que também os filósofos reconhecem como evidência da majestade de Deus, como o apóstolo Paulo menciona em Romanos 1:20. Eles observam, primeiro nas obras de Deus, a grande majestade, a infinita multiplicidade, a maravilhosa variedade, a ordem imutável, a bela harmonia, a perpétua continuidade, a agradável sucessão das coisas em mudança e, em suma, a sabedoria tão surpreendente na criação e conservação de todas as coisas que, em face de todas as obras, tanto terrestres quanto celestiais, ninguém mais pode atribuir a arte da criação e disposição das coisas senão a Deus somente. Além disso, eles experimentam por si mesmos a benevolência divina, manifestada por meio de inumeráveis benefícios que vêm tanto do céu quanto da terra, como o apóstolo menciona em Atos 14:17, dizendo: "E contudo não se deixou sem testemunho de si mesmo, fazendo bem, dando-nos chuvas do céu e tempos frutíferos, enchendo-nos de mantimento e de alegria". Terceiro, eles sentem um certo temor incomum em trovões, terremotos, pragas, fissuras na terra, e nos sinais celestiais no sol, lua, estrelas e cometas, que prenunciam grandes calamidades. Além disso, as profecias sobre eventos futuros, como as Sibílicas e as profecias, eram tão verdadeiras e certas que superavam claramente os limites da previsão humana, demonstrando a divindade que governava os assuntos humanos.

Como podem as mentes mais fortes acomodar a compreensão e as mentes mais incrédulas acomodar a fé às coisas invisíveis? Muitas vezes eles não acreditam na vida celestial, felicidade, glória, anjos, espíritos, demônios e inferno, porque acham que não há nada além do que podem ver com os olhos. Eles não percebem que há outras

coisas invisíveis que, no entanto, não podem ser negadas, embora não as vejam. Quem já viu o som? Quem já viu o vento? Quem já viu o cheiro? Estas são coisas invisíveis, mas ninguém duvida de sua existência. De onde, então, eles são conhecidos, senão pela eficácia de seus sentidos? A voz não é vista, mas é ouvida. O vento não é visto, mas é sentido pelo tato, e sua operação e impulso podem ser vistos no que ele realiza. O cheiro não é visto, mas é percebido pelo olfato de forma extremamente eficaz. Quem já viu sua própria alma? No entanto, ninguém é tão insensato a ponto de negar que tem uma alma, por meio da qual sente, entende e julga, e que a distingue dos animais. Ninguém vê sua própria alma, mas todos sentem que possuem uma alma pela qual amam, odeiam, desejam, fogem, entristecem, se alegram, e são moralmente bons ou maus. Portanto, não é razoável concluir que Deus, sendo invisível em Sua essência, pode ser conhecido por Sua operação, poder e bondade, de forma que a mente humana, a menos que esteja completamente cega, possa facilmente reconhecê-Lo por meio de Suas obras divinas, compreendendo que Ele é Deus, da qual todas as coisas são criadas e pela qual todo o universo é governado. Portanto, conceda ao homem o dom da inteligência; ele confessará que não apenas compreende a Deus em sua mente, mas também O vê com seus olhos, O ouve com seus ouvidos, O percebe com seu olfato, sente com seu tato. Conceda fé a alguém; ele experimentará Deus até mesmo pelo gosto. "Provai e vede quão bom é o Senhor; bem-aventurado o homem que confia nele" (Salmo 34:8). Assim como o gosto da Sua doçura é experimentado, a fé percebe a bondade Dele. É o gosto de Sua doçura, percebido pela fé, que é o sentido do conhecimento de Sua bondade. Isso se aplica à primeira razão pela qual podemos entender a existência de Deus. Há muitas outras razões pelas quais os sábios deste mundo reconhecem a existência de Deus, mas abordar essas brevemente é suficiente.

A segunda razão pela qual Deus se torna conhecido pelos mortais é, como eu disse, por meio da palavra. Assim, Ele se revelou aos pais falando desde o início do mundo até os tempos do Novo Testamento. O Apóstolo Hebreus fala sobre isso, dizendo: "Deus, que em várias épocas e de várias maneiras, falou aos pais pelos profetas, nestes últimos dias falou-nos pelo Filho" (Hebreus 1:1-2). Essa é uma razão especial, porque não se aplica a todas as nações, como foi especialmente concedida aos israelitas. Ele anuncia Sua palavra a Jacó, e declara Seus estatutos e juízos a Israel (Salmo 147:19). No entanto, esta palavra, juntamente com o Filho unigênito de Deus e todo o plano da salvação humana, não foi limitada apenas a Israel, mas, por meio da misericórdia divina, também chegou aos gentios. Assim, o mundo inteiro não pode se queixar de estar desprovido dessa graça.

A terceira razão é aperfeiçoada pelo sopro, ou seja, revelação secreta pelo Espírito Santo. Eu mencionei que esta é uma razão muito especial para distingui-la das duas anteriores, que são comuns tanto para os justos quanto para os ímpios. Esta razão é reservada apenas para os eleitos, que não apenas compreendem a existência de Deus com base no esplendor de Suas obras e na declaração verbal, mas também obtêm a mais certa compreensão de Deus por meio da revelação viva e eficaz do Espírito

Santo, e até mesmo experiência e sensação disso. As duas primeiras razões são eficazes o suficiente para privar completamente a razão humana de qualquer desculpa. No entanto, para que as mentes dos mortais se voltem eficazmente para o verdadeiro culto de Deus, que eles entendem ser o correto, é necessário o trabalho da terceira razão, reservado apenas para os eleitos. No entanto, nenhum dos eleitos é tão insensato a ponto de negligenciar a consideração das obras e da palavra de Deus, como se não fossem relevantes para eles. Longe disso. Nenhum mortal contempla as obras de Deus com mais ardor e inclina seus ouvidos para ouvir a palavra de Deus mais fervorosamente do que aqueles que desfrutam da revelação interna do Espírito Santo. Os Salmos de Davi oferecem evidências claras desse fato. Eu queria fornecer uma breve introdução a essas três razões, pelas quais Deus se manifesta aos mortais por meio de ações, palavras e revelação pelo Espírito Santo.

~

Wolfgang Musculus (1497–1563) foi um teólogo reformado alemão, um dos principais expoentes da Reforma na Suíça.

Terceira carta de Liciniano, bispo de Cartagena, a Vicente, bispo da ilha de Ibiza

Introdução

Liciniano de Cartagena

Liciniano foi bispo de Cartagena na Espanha, durante a breve restauração bizantina. Suas conversas com o Papa Gregório I Magno (590-601) e Eutrópio de Valência (+610) o situam na segunda metade do século VI. Nessa época, o imperador Justiniano I (527-565) enviou seu general Belisário para reconquistar a costa norte da África sobre os vândalos. Ele também conquistou grande parte da costa da Espanha (536), incluindo o local de Cartagena, que havia sido destruído anteriormente. Os bizantinos reconstruíram a cidade e fizeram dela uma sede episcopal novamente. Liciniano foi bispo durante este período. O domínio bizantino sobre Cartagena terminou em 674.

Isidoro de Sevilha escreve sobre Liciniano em seu Livro sobre os ilustres escritores da Igreja (*De viris illustribus sive de scriptoribus ecclesiasticis*):

Ele era instruído nas escrituras e podemos ler algumas de suas cartas. Há uma sobre o sacramento do batismo, e várias sobre o abade Eutrópio e depois bispo de Valência; mas de seus outros escritos e obras muito pouco chegou ao nosso conhecimento.

Ele era famoso na época de Maurício Augusto; ele está enterrado em Constantinopla, envenenado, dizem, assassinado por um rival. Mas, como está escrito, "Ele estava bem preparado para qualquer morte, sua alma está tranquila".

Apenas três de suas cartas sobreviveram até nossos dias. A primeira, uma carta de Liciniano a Gregório Magno, sobre o Livro de Regras de Gregório (*Regula pastoralis*), pode ser encontrada na coleção dos Pais Nicenos e Pós-Nicenos. A segunda carta é um tratado escrito em colaboração com o bispo Severus, no qual a espiritualidade e a incorporeidade dos anjos e das almas humanas são defendidas contra um bispo não identificado. A carta é dirigida a Epifânio, diácono do bispo agredido.

Podemos teorizar que Liciniano foi enviado de Bizâncio para a recém-reconstruída Cartagena. A sua escrita eloquente e as suas conversas com alguns grandes pensadores, bem como o testemunho de Isidoro, fazem-nos supor que era uma grande mente. Podemos apenas imaginar sua exasperação com seus colegas menos instruídos na Espanha, como fica evidente em sua carta a Vicente, bispo de Ibiza.

A carta a Vicente de Ibiza

A carta traduzida abaixo nos mostra Liciniano lutando contra a superstição e a credulidade. Vindo do centro do mundo conhecido (bizâncio) até a sua borda, ele agora vive entre semi-selvagens cristianizados por um clero de baixos padrões morais e intelectuais. A história é a seguinte:

Apareceu uma carta, encontrada em um altar dedicado a São Pedro, caído do céu, dizem. A carta aparentemente afirma ter sido escrita pelo próprio Cristo. A carta fala sobre honrar o dia do Senhor à moda judaica: não é permitido trabalhar e viajar. O texto desta carta do céu não foi preservado: Liciniano destruiu sua cópia e instou Vicente a fazer o mesmo com seu original. O que sabemos de seu conteúdo vem da carta do bispo que a descreve.

É interessante que esta carta tenha aparecido em uma igreja dedicada a São Pedro. Na igreja cristã primitiva, Pedro representava uma interpretação mais judaica do Novo Testamento, e esta carta sobre as maneiras judaicas de honrar o dia do Senhor parece mais ou menos se encaixar em suas ideias. Seu oponente, Paulo, que queria abrir o cristianismo aos gentios, o confrontou. Isso é mencionado na carta de Paulo aos Gálatas, a carta citada por Liciniano no final de nossa carta. Licínio destruiu um documento genuíno e importante da igreja primitiva? Provavelmente nunca saberemos.

A carta provavelmente era mais longa e falava de mais regras do que apenas trabalhar e viajar, mas neste ponto Liciniano parou de ler, indignado com as óbvias heresias.

Vicente, tendo encontrado ou recebido esta carta, e sendo supersticioso e crédulo, pensou ter recebido uma mensagem real do céu, uma profecia, e fez com que a carta fosse lida ao povo, proclamando-a de fato como lei da igreja. Ele também enviou uma cópia (ou cópias?) para seu(s) colega(s?), para espalhar esta nova mensagem do céu. Então veio para as mãos de Liciniano.

O bispo sábio, suspeitando de uma falsificação ou realmente acreditando que se trata de um documento importante, pega a carta do mensageiro que a traz e começa a lê-la, sem sequer despedir o mensageiro. Ele imediatamente vê através dela, destrói a carta sem ler mais e fica muito zangado. Sem hesitar, ele escreve a Vincente - talvez por isso não tenha dispensado o mensageiro. A carta é curta e direta, e parece ter sido escrita às pressas. Liciniano também menciona outras 'tribulações' em sua primeira frase.

Ele repreende Vincente por acreditar em uma falsificação tão óbvia e por proclamá-la da tribuna pública. Pois ao fazer isso, Vincente se tornou um falso profeta e, portanto, automaticamente excomungado. Outro motivo para a pressa: um bispo excomungado, mesmo que não saiba do fato e aja de boa fé, não pode realizar os devidos rituais e é um perigo para toda a comunidade.

Também temos uma indicação da personalidade de Liciniano: ele não gosta de dançar. Não é o melhor dos exemplos para usar em tal carta, o que fortalece minha suspeita de que a carta foi escrita às pressas. Ou talvez a ilha de Ibiza tivesse uma reputação de dançar muito antes de nosso tempo?

Liciniano termina com uma diretriz para ajudar Vicente a discernir entre o que é ortodoxo e o que não é: o Antigo e o Novo Testamento contêm toda a Verdade, e qualquer coisa que vá contra eles não deve ser acreditada.

Steven Van Impe

Terceira carta de Liciniano, bispo de Cartagena, a Vicente, bispo da ilha de Ibiza [1]
Contra aqueles que sustentam que cartas caíram do céu no santuário de São Pedro de Roma
(agora pela primeira vez publicadas a partir do manuscrito da igreja de Toledo).

Pela caridade de Cristo, não fomos impedidos pelas dificuldades de várias tribulações, sejam quais forem, de enviar algumas palavras a Vossa Santidade, que nos exortou a aceitar a sua carta e a regozijar-nos com a sua saúde.

Mas não estamos nem um pouco tristes pelo fato de que, como sua escrita indica, você aceitou uma certa carta, que você nos encaminhou, e que você a leu em voz alta no tribunal do povo.

Eu, por exemplo, quando acabei de receber o que você me enviou, li o início dessa carta na presença do próprio mensageiro. Eu não estaca com paciência e não defendia minha dignidade; não li toda a repulsiva mensagem [2]. Eu imediatamente rasguei e joguei no chão, surpreso que você pudesse crer nisso. Depois das profecias dos profetas, e dos evangelhos de Cristo, e dos apóstolos e suas cartas, não sei quem de todas as pessoas poderia crer que uma carta escrita sob o nome de Cristo era realmente d'Ele, na qual nenhuma palavra nobre, nenhuma doutrina sensata poderia ser encontrada.

Em primeiro lugar, lemos naquela carta que o dia do Senhor deve ser mantido. Quem é um cristão, então, que não o manteria mais reverenciado, não por causa do dia em si, mas por causa da ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, que naquele dia ressuscitou dos mortos?

Mas, a meu ver, esta nova 'profecia' diz isso para nos obrigar a viver como os judeus, e que ninguém pode naquele dia preparar a comida necessária para si mesmo, ou andar na estrada. Mas deixe Vossa Santidade decidir o que é pior. Se ao menos o povo cristão, se não for à igreja naquele dia, fizesse outros trabalhos, em vez de dançar.

Seria melhor que os homens cuidassem do jardim, andassem pela estrada, que as mulheres segurassem o bastão giratório, e não, como eu disse, dançar, pular e torcer mal os membros dados por Deus e chamar por histórias e canções para despertar as paixões.

Portanto, não cabe a Vossa Santidade crer que as cartas nos são enviadas por Cristo. O que é dito nos (livros dos) profetas, por Ele mesmo e por seus apóstolos é suficiente.

Porque até eles não enviou uma carta do céu, mas o Espírito Santo encheu seus corações. Exceto pelos dez mandamentos, que foram dados milagrosamente nas tábuas de pedra, nenhuma carta foi enviada do céu aos profetas ou apóstolos.

Não acredite nas coisas que nunca foram feitas para serem lidas: porque, mesmo que fossem feitas, depois da proclamação dos evangelhos já não são necessárias.

E se por acaso lhe agrada esta novidade, porque esta carta, como escreve o falsificador, veio do céu para o altar de Cristo dedicado ao santo apóstolo Pedro, sabe que é obra do Diabo, e toda escritura divina, carta, ou cartas são celestiais e nos são transmitidas do céu.

Conserte, então, o que Vossa Santidade imprudentemente acreditou e destrua esta carta, se ainda a possui, na presença do povo. E isso requer penitência de você, que você leu nos tribunais. Pois de acordo com o aprendizado do abençoado apóstolo, como o que ele escreveu entre outras coisas aos Gálatas: "Se alguém lhes pregar algo diferente do que aceitaram, seja anátema" [3].

Mas assim como o evangelho, toda a lei e os profetas até João profetizam isso. Se no futuro se espalharem coisas novas ou incomuns, Vossa Santidade saberá que devem ser completamente rejeitadas e detestadas.

Rogue por nós, santo senhor e querido irmão em Cristo.

~

Liciniano de Cartagena

Notas:

[1] Ebusitana Insula, ou Ebusitana como costuma ser escrito em latim, é traduzido como a ilha de Ibiza. Neste caso, provavelmente se refere às 'Illes Pitiüses' (Ibiza e Formentera, com ilhas menores), ou talvez a todas as Ilhas Baleares (incluindo também Maiorca e Menorca, com dependências menores).

[2] Liciniano chama a carta de naenia, que geralmente é traduzida como uma canção fúnebre ou elegia.

[3] Gálatas 1. 8: "Se alguém lhes pregar doutrina diferente da que temos pregado, seja anátema".

AMDG traduzido por Steven Van Impe. Texto original em latim fornecido por Roger Pearse (de J.-P. Migne, Patrologia Latina 72, 689-700), juntamente com sugestões úteis, correções e encorajamento geral, pelos quais sou grato.

Ter uma opinião humilde de si mesmo

Todo homem naturalmente deseja conhecimento; mas de que serve o conhecimento sem o temor de Deus? Na verdade, um humilde camponês que serve a Deus é melhor do que um intelectual orgulhoso que negligencia sua alma para estudar o curso das estrelas. Aquele que se conhece bem se torna humilde aos seus próprios olhos e não fica feliz quando é elogiado pelos homens.

Se eu conhecesse todas as coisas do mundo e não tivesse caridade, o que isso me daria lucro diante de Deus, que me julgará pelas minhas obras?

Evite um desejo excessivo por conhecimento, pois nele há muita inquietude e ilusão. Os intelectuais gostam de parecer instruídos e serem chamados de sábios. Contudo, há muitas coisas cujo conhecimento pouco ou nenhum bem faz à alma, e aquele que se preocupa com outras coisas além daquelas que levam à salvação é muito imprudente.

Muitas palavras não satisfazem a alma; mas uma vida boa alivia a mente e uma consciência limpa inspira grande confiança em Deus.

Quanto mais você sabe e quanto melhor você entende, mais severamente será julgado, a menos que sua vida também seja mais santa. Portanto, não seja orgulhoso por causa de seu aprendizado ou habilidade. Ao contrário, tema por causa do talento que lhe foi dado. Se você acha que sabe muitas coisas e as entende bem o suficiente, perceba ao mesmo tempo que há muito que você não sabe. Portanto, não finja sabedoria, mas admita sua ignorância. Por que preferir a si mesmo a qualquer outro quando muitos são mais eruditos, mais cultos do que você?

Se você deseja aprender e apreciar algo que valha a pena, então ame ser desconhecido e considerado como nada. Verdadeiramente conhecer e desprezar a si mesmo é o melhor e mais perfeito conselho. Pensar em si mesmo como nada e sempre pensar bem e elevadamente dos outros é a melhor e mais perfeita sabedoria. Por isso, se você vê outro pecar abertamente ou cometer um crime sério, não se considere melhor, pois você não sabe por quanto tempo pode permanecer em bom estado. Todos os homens são frágeis, mas você deve admitir que ninguém é mais frágil do que você.

~

Tomás de Kempis (A Imitação de Cristo, 1418–1427).

Didaquê dos Doze Apóstolos

Ensino do Senhor por meio dos Doze Apóstolos às Nações.

I

1. Existem dois caminhos, um da vida e outro da morte, e há uma grande diferença entre os dois caminhos. 2. O caminho da vida é este: primeiro, amar o Deus que te criou; segundo, amar o teu próximo como a ti mesmo. Tudo o que não desejas que te façam, também não o faças aos outros. 3. Esta é a essência do ensino: abençoa aqueles que te amaldiçoam, ora pelos teus inimigos, jejuai pelos que te perseguem. Pois, que recompensa há se amas os que te amam? Não fazem o mesmo os pagãos? Amai aqueles que te odeiam, e não tereis inimigos. 4. Afasta-te dos desejos carnis e corporais. Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra, e serás perfeito. Se alguém te obrigar a andar uma milha, acompanha-o por duas. Se alguém te tirar a capa, dá-lhe também a túnica. Se alguém te tomar aquilo que é teu, não peças de volta, pois não podes. 5. Dá a todos o que te pedir, e não peças de volta. O Pai quer dar de seus próprios dons. Bem-aventurado é quem dá, segundo o mandamento, pois é inocente. Mas ai daquele que recebe; se tendo necessidade, será julgado sobre por que recebeu e para qual propósito. E estando preso, não sairá até que tenha pago o último centavo. 6. Sobre isso, também foi dito: "Deixe a sua generosidade permanecer nas suas mãos até que você saiba a quem deu."

II

1. A segunda instrução da doutrina é: 2. Não assassinarás, não adulterarás, não corromperás meninos, não fornicarás, não roubarás, não praticarás feitiçaria, não envenenarás, não abortarás um feto nem matarás a criança recém-nascida. Não cobiçarás os bens do teu próximo, 3. Não serás falso na tua palavra, nem ganancioso, nem malicioso, nem orgulhoso. Não serás um conspirador do mal, nem de mau caráter, nem de língua dupla, pois a língua dupla é a armadilha da morte. 4. Não sejas ganancioso, nem avaro, nem hipócrita, nem mal-intencionado. Não tomes conselho malicioso contra o teu próximo. Não odeies a ninguém, mas repreende alguns, ora pelos outros, e ama os outros mais do que a tua própria vida.

III

1. Filho meu, afasta-te de todo mal e daqueles semelhantes a ele. 2. Não te tornes iracundo, pois a ira conduz ao homicídio, nem invejoso, nem irritado, pois destes surgem todos os homicídios. 3. Filho meu, não te entregues à cobiça, pois ela conduz

à prostituição, nem uses palavras obscenas ou olhares lascivos, pois dessas práticas brotam as adultérios. 4. Filho meu, evita a adivinhação, pois ela leva à idolatria, não te tornes músico ou matemático, nem desejes contemplar tais coisas, pois a idolatria delas resulta. 5. Filho meu, não te tornes mentiroso, pois a mentira conduz ao furto, e não sejas avarento ou arrogante, pois dessas atitudes nascem os furtos. 6. Filho meu, evita a murmuração, pois ela conduz à blasfêmia, nem sejas obstinado ou mal-intencionado, pois dessas atitudes provêm as blasfêmias. 7. Sê manso, pois os mansos herdarão a terra. 8. Sê paciente, compassivo, inofensivo, sereno, bom, e teme sempre as palavras que ouviste. 9. Não te exaltes, nem te dês ares de grandeza, e não te concedas ousadia à tua alma. Pois tua alma não se unirá aos grandes, mas aos justos e humildes se afeiçoará. 10. Aceita todas as coisas que te acontecem como boas, sabendo que, sem Deus, nada acontece.

IV

1. Filho meu, lembrarás sempre as palavras de Deus que te foram ditas, de dia e de noite, honrando-as como ao Senhor, pois onde se fala da soberania, ali está o Senhor. 2. Buscarás diariamente o rosto dos santos para meditar em suas palavras. 3. Não desejarás o cisma, mas promoverás a paz entre os combatentes; julgarás justamente, sem favorecer pessoas por causa de suas faltas. 4. Não sentirás sede de saber se isso será ou não. 5. Não estenderás a mão para receber, estando de mãos fechadas ao dar. 6. Se tens, darás resgate de tuas faltas pelas tuas mãos. 7. Não hesitarás em dar, e não murcharás ao dar; saberás quem é o bom recompensador do teu salário. 8. Não voltarás o rosto ao necessitado; partilharás todas as coisas com teu irmão, e não dirás que são tuas. Pois, se compartilhas com os imortais, quanto mais com os mortais? 9. Não elevarás a mão de teu filho ou de tua filha, mas, desde a juventude, ensinarás o temor a Deus. 10. Não imporás aos teus servos ou servas a esperança que têm no mesmo Deus; por teu rigor, talvez não temam o Deus sobre ambos. Pois Ele não vem para chamar em pessoa, mas sobre quem o Espírito preparou. 11. Vós, servos, sereis submissos a vossos senhores como ao chicote de Deus, com temor e vergonha. 12. Aborrecerás toda hipocrisia e tudo o que não agrada ao Senhor. 13. Não negligenciarás os mandamentos do Senhor, guardarás o que recebeste, sem acrescentar ou retirar. 14. Na igreja confessarás teus pecados, e não te aproximarás da oração com consciência maliciosa; essa é a via da vida.

V

1. Mas o caminho da morte é este: é primeiro e principalmente mau e cheio de maldição. Assassínios, adultérios, concupiscências, lascívia, roubos, idolatrias, feitiçarias, venenos, rapinas, falsos testemunhos, hipocrisias, duplicidade, fraudes, altivez, maldade, arrogância, cobiça, palavras torpes, invejas, ousadia, vanglória. 2. Perseguidores do bem, amantes da mentira, ignorantes da recompensa da justiça, não apegados ao bem nem à justiça, mas vigilantes para o mal; dos quais a longanimidade e paciência são vãs, amantes da vaidade, perseguindo recompensas, não mostrando misericórdia ao pobre, oprimindo o aflito; amigos dos ricos, injustos juízes dos pobres; todos são pecadores. Escapai, filhos, de todas essas coisas.

VI

1. Veja, para que ninguém te desvie do caminho deste ensinamento, pois além de Deus é quem te instrui. 2. Pois se és capaz de suportar todo o jugo do Senhor, serás perfeito; mas se não és capaz, faz o que podes. 3. Quanto à alimentação, suporta o que podes; mas evita especialmente a carne sacrificada aos ídolos, pois é uma adoração aos deuses mortos.

VII

1. Quanto ao batismo, realiza-o da seguinte maneira: tendo proferido todas essas palavras, batiza em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, na água viva. 2. Se não tiveres água viva, batiza em outra água; e se não puderes fazê-lo com água fria, faze-o com água quente. 3. E se não tiveres ambas, derrama três vezes água sobre a cabeça em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. 4. Antes do batismo, tanto o aquele que batiza como o batizado devem preparar-se, e, se possível, também outros; e ordena que o batizado jejue um ou dois dias.

VIII

1. Que vossos jejuns não se assemelhem aos dos hipócritas, que jejuam às segundas e quintas-feiras. Jejuai vós, contudo, na quarta e na preparação. 2. E não oreis como os hipócritas, mas como o Senhor ordenou em Seu Evangelho, assim orai: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o Teu nome, venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o pão nosso de cada dia, perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores, e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque Teu é o reino, o poder e a glória para sempre. 3. Assim orai três vezes ao dia.

IX

1. Quanto à ação de graças, agradece da seguinte maneira: 2. Primeiro, pelo cálice: Agradecemos a Ti, nosso Pai, pelo Santo Vinho de Davi, Teu servo. A Ti seja a glória pelos séculos. 3. Quanto ao pão: Agradecemos a Ti, nosso Pai, pela vida e conhecimento que nos revelaste através de Jesus, Teu servo. A Ti seja a glória pelos séculos. 4. Assim como este pão, antes disperso sobre as montanhas, foi reunido e se tornou um, assim também seja reunida a Tua igreja dos confins da terra no Teu reino. Pois a Ti pertence o poder e a glória por Jesus Cristo, para sempre. 5. Ninguém coma nem beba da vossa ação de graças, a não ser os batizados em nome do Senhor; pois o Senhor também disse acerca disso: "Não deis o que é santo aos cães".

X

1. Após terem sido saciados, agradece da seguinte forma: 2. Agradecemos a Ti, Santo Pai, pelo Teu santo nome que fizeste habitar em nossos corações, e pela ciência, fé e imortalidade que nos revelaste através de Jesus, Teu servo. A Ti seja a glória pelos

séculos. 3. Tu, Senhor Todo-Poderoso, criaste todas as coisas por causa do Teu nome e nos deste alimento e bebida para desfrute, para que Te agradeçamos. A nós, porém, concedeste alimento espiritual, bebida e vida eterna por meio do Teu servo. 4. Antes de tudo, agradecemos a Ti porque és poderoso; a Ti seja a glória pelos séculos. 5. Lembra-Te, Senhor, da Tua igreja, para livrá-la de todo mal e aperfeiçoá-la em Teu amor. E reúne-a dos quatro ventos, a santificada, no Teu reino que preparaste para ela. Pois a Ti pertence o poder e a glória para sempre. 6. Venha a graça e passe este mundo. Hosana a Deus, filho de Davi. Se alguém é santo, venha; se alguém não é, arrependa-se. Amém. 7. Permitti que os profetas deem graças o quanto quiserem.

XI

1. Aquele que vem e ensina todas as coisas mencionadas acima, recebam-no. 2. Se, porém, o instrutor, ao ensinar, se desviar e ensinar uma doutrina que leva à destruição, não o ouçam. Contudo, para promover a justiça e o conhecimento do Senhor, aceitem-no como senhor. 3. Em relação aos apóstolos e profetas, procedam conforme o ensinamento do Evangelho. 4. Todo apóstolo que vem até vocês seja recebido como senhor. 5. Ele não permanecerá mais do que um dia; mas, se houver necessidade, ele pode ficar mais um. No entanto, se ele ficar três dias, ele é um falso profeta. 6. Quando o apóstolo parte, que ele não receba nada além de pão até ser hospedado. Se ele pedir dinheiro, ele é um falso profeta. 7. Não julguem nem critiquem todo profeta que fala no Espírito, pois toda transgressão será perdoada, exceto essa. 8. Não é todo aquele que fala no Espírito que é profeta, mas apenas aquele que possui os caminhos do Senhor. Por meio dos caminhos, o falso profeta e o profeta serão reconhecidos. 9. Todo profeta que ordena uma mesa no Espírito e não come dela é um falso profeta. 10. Todo profeta que ensina a verdade e não pratica o que ensina é um falso profeta. 11. Todo profeta provado, verdadeiro, que realiza misteriosamente para o benefício da igreja, mas não ensina a realizar o que ele mesmo faz, não será julgado por vocês. Ele tem a sentença com Deus, pois assim também agiram os antigos profetas. 12. Mas quem disser, no Espírito: "Dê-me dinheiro ou algo mais", não ouçam-no. No entanto, se ele pedir para ajudar os necessitados, que ninguém o julgue.

XII

1. Todo aquele que vem em nome do Senhor seja recebido; depois de testado, vocês o conhecerão, pois terão discernimento à direita e à esquerda. 2. Se ele é um viajante, ajudem-no o quanto puderem; mas ele não permanecerá mais do que dois ou três dias, se necessário. 3. Se ele quiser ficar entre vocês, sendo um trabalhador, que trabalhe e coma. 4. Se ele não tem uma profissão, forneçam, de acordo com o entendimento de vocês, para que o cristão não viva ocioso entre vocês. 5. Se ele não quiser fazer isso, ele está explorando Cristo; cuidado com esses.

~

A "Didaquê", também conhecida como "Ensinamento dos Doze Apóstolos" ou "Ensinamento do Senhor às nações por meio dos doze apóstolos", é um texto da literatura cristã primitiva, possivelmente escrito na segunda metade do século I, antes

da destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C. A autoria é atribuída a um ou vários autores chamados "didaquistas", que compilaram o documento a partir de materiais literários judaicos e cristãos preexistentes. Descoberta em 1873 e publicada em 1883, a Didaquê tem sido objeto de estudos e controversias.

A principal controvérsia envolve a data de composição. Se considerarmos uma data mais antiga, a Didaquê poderia representar a normativa religiosa de comunidades cristãs, especialmente judeocristãs, algumas décadas após a morte de Jesus. Por outro lado, se a datação for mais tardia, a Didaquê poderia ser vista como um possível embuste, criado para retratar de maneira tendenciosa a Igreja primitiva. Independentemente disso, sua antiguidade em relação a alguns livros do Novo Testamento a torna fundamental para compreender a evolução do cristianismo nos primeiros anos do primeiro século.

O Trabalho de Paulo em Atenas e Corinto

Estudo sobre Atos 17

I. *A Atenas dos dias de Paulo.* Ao encontrar temporariamente a porta da Macedônia fechada para ele, Paulo naturalmente voltou-se para o lar original da cultura grega. O objetivo de sua viagem de Bercea era evidentemente a grande cidade comercial de Corinto, mas Atenas, como um ímã, o atraiu irresistivelmente. A curiosidade e sua rota natural, em vez de zelo missionário, aparentemente o levaram até lá. Embora privada de todo poder político e grande parte de seu prestígio intelectual, Atenas ainda estava no auge de seu esplendor material. Ela continha muito que deve ter sido de interesse aguçado para Paulo. Durante sua estadia de vários dias, ele provavelmente encontrou seu caminho até o grande Estádio, nas colinas a leste da cidade, que havia sido concluído recentemente. Aqui eram realizados os Jogos Panatenaicos - um tipo de esporte com o qual Paulo estava bem familiarizado e no qual provavelmente estava profundamente interessado. No centro de Atenas erguia-se a imponente Acrópole, coroada pelo Partenon, a principal glória da arte ateniense e lar de Pallas Athena, a deusa da sabedoria. Ao seu redor, agrupavam-se os maravilhosos templos e edifícios públicos que tornavam Atenas arquitetonicamente a cidade mais bonita do mundo antigo. A atenção de Paulo foi provavelmente atraída pelo maciço templo de Zeus Olímpico, situado a sudeste da Acrópole, que havia sido erguido por Antíoco Epifânio, o arqui-perseguidor do judaísmo. Abaixo da Acrópole, no sudoeste, estava a Ágora, o centro da vida comercial e intelectual de Atenas. No oeste, estava o Pórtico Real, onde a corte do Areópago costumava realizar suas sessões neste período. No sul, estavam a Casa do Senado, a Sala de Zeus e a Stoa Peecilé. Imediatamente a oeste da Ágora estava o Areópago, ou Colina de Marte, originalmente separado da Acrópole por um abismo profundo e estreito.

II. *Atitude de Paulo em relação à vida intelectual e religiosa de Atenas.* No ambiente universitário cosmopolita de Atenas, o judeu da cidade universitária de Tarso se sentiu, em parte, em casa. Ele aparentemente passou a maior parte do tempo na Ágora. Sua intensa atividade comercial e intelectual fascinava esse habitante cosmopolita da cidade. Na Stoa Peecilé, Zenão, o fundador da filosofia estoica, havia vivido e ensinado cerca de três séculos antes. Ainda era o lugar favorito onde os filósofos estoicos encontravam seus discípulos e de onde sua influência irradiava para a distante Tarso e dominava a vida intelectual dessa grande cidade comercial. Aqui também Cleantes, o ilustre discípulo de Zenão, havia cantado seu hino imortal a Zenão, do qual Paulo cita em seu famoso discurso aos homens de Atenas:

*Ó Deus, mais glorioso, chamado por muitos nomes,
Grande Rei da Natureza, através dos anos eternos o mesmo;
Onipotente, que por seu justo decreto
Controla tudo, saudações, Zeus, pois é necessário
Que suas criaturas em todas as terras o chamem.
Nós somos seus filhos, nós sozinhos, de todos
Os que vagueiam pelas largas estradas da terra,
Carregando sua imagem onde quer que vamos,
Por isso com canções de louvor mostrarei sua força,*

Três séculos antes, também nesta mesma cidade, Epicuro viveu por um período considerável e fundou a filosofia que leva seu nome. Os mais proeminentes entre os palestrantes e estudantes de todas as partes do Império Romano que lotavam a Ágora eram os seguidores de Zenão e Epicuro. Paulo no meio dessa multidão parece ter chamado a atenção tanto por sua aparência quanto por suas ações. Na gíria acadêmica da época, ele logo foi desdenhosamente caracterizado como "um coletor inútil de restos de aprendizado". Nesta vida intelectual de Atenas, Paulo encontrou muito que poderia aprovar. Em sua forte ênfase na vida moral e em sua crescente crença em um Deus supremo por trás de todos os fenômenos, que Cleantes tão nobremente expressa em seu hino a Zeus, ele encontrou muitos pontos de contato. O espírito profundamente religioso da cidade também o impressionou. O escritor romano Petrônio diz sarcasticamente que era mais fácil encontrar um deus em Atenas do que um homem! Pausânias, um século depois, disse que havia mais deuses em Atenas do que em todo o resto do país. Escavações recentes revelaram um altar quebrado que aparentemente trazia a inscrição:

“Aos Deuses Desconhecidos
Capitão
Porta-tochas”,

A beleza dos templos atenienses e das estátuas sem igual podem ter atraído Paulo, pois seu uso repetido de figuras de construção revela certo interesse, mas o que mais o impressionou e ao mesmo tempo o irritou foi esta evidência em todos os lados da idolatria reinante nesta cidade mais culta. O ponto de vista macedônio de Lucas é evidente em sua crítica geral em Atos 18, e ainda assim foi em grande parte verdadeiro para a vida da cidade no período em que Paulo a visitou: "Porque todos os atenienses e os visitantes estrangeiros de Atenas ocupavam-se de nada mais do que repetir e ouvir a última novidade". Aparentemente, o povo comum, assim como os estudantes estrangeiros que lotavam a cidade, eram provadores de palestras confirmados, mas faltavam a profundidade de convicção e emoção necessárias para transformações fundamentais no caráter e na vida. A atitude da multidão acadêmica ateniense em relação a Paulo parece ter sido completamente desprezível. Aqui estava um judeu volúvel que lhes prometia um entretenimento certo - uma sensação religiosa. Embora Sócrates tivesse sido condenado à morte pelo tribunal da Areópago sob a acusação de introduzir o culto de novos deuses, os atenienses desde os dias de Sócrates superaram sua intolerância e se orgulhavam em vez disso de receber mestres de

todas as religiões. É provável, no entanto, que o tribunal da Areópago, cujas funções em dias anteriores parecem ter sido a regulamentação da moral e da educação, ainda exercia uma certa supervisão sobre os palestrantes que eram autorizados a apresentar seus ensinamentos na Ágora. A evidência é clara de que Paulo não foi submetido a julgamento sob uma acusação definida, mas sim que lhe foi dada a oportunidade de apresentar seus novos ensinamentos para que os membros do tribunal pudessem determinar se ele deveria ser permitido continuar a ensinar em seu meio.

III. Discurso de Paulo à multidão ateniense. A cena do memorável discurso de Paulo, conforme relatado em Atos 17, foi evidentemente a Ágora, e muito provavelmente na ou perto do Pórtico Real, onde a corte do Areópago realizava suas sessões. As palavras introdutórias de Paulo, assim como o conteúdo de seu discurso, indicam que sua audiência não consistia apenas de filósofos e membros da corte, mas também incluía a multidão ateniense, os "inúteis catadores de fragmentos de conhecimento", cujas decisões, como as de toda multidão oriental, tinham peso junto às autoridades governantes. A eles, como os elementos mais esperançosos em sua audiência, Paulo parece ter dirigido principalmente seu discurso. Como disse o professor Ramsay (St. Paul, p. 150): "Não há nada nas palavras relatadas de Paulo em Listra e Atenas (com uma possível exceção do 'homem que ele ordenou') que vários filósofos gregos não poderiam ter dito". Com habilidade maravilhosa, ele se ajustou ao seu ambiente e estabeleceu um ponto comum de contato entre si e seus ouvintes. Em muitos aspectos, o princípio contido em seu discurso, conforme relatado aqui, era o mesmo que se encontra em sua carta aos Romanos no capítulo 1. A passagem do hino do poeta estoico Cleantes, à qual Paulo se refere, foi uma das mais nobres expressões da crescente crença entre os filósofos gregos de que uma personalidade suprema estava por trás dos fenômenos da natureza e, portanto, o objeto final de toda adoração. Igualmente significativo é o hino semelhante a Zeus que vem de Arato, o poeta de Soli, na Cilícia, província natal de Paulo, a quem o apóstolo possivelmente também tinha em mente.

Zeus preenche todas as ruas da cidade
 Dos mercados lotados da nação; enche as águas profundas
 E céus. Todo trabalhador precisa da ajuda de Zeus.
 Seus filhos somos nós. Ele, benigno,
 Levanta altos sinais, convocando o homem para trabalhar,
 E alertando-o sobre as exigências da vida.

Aqui, em Tessalônica, o objetivo de Paulo era converter os gentios da adoração de ídolos para o único Deus vivo. Em sua atitude ampla em relação ao mundo gentio e em sua declaração de que Deus não considerou as eras anteriores de ignorância, Paulo revela a influência do estoico judeu que nos deu a Sabedoria de Salomão, que diz no capítulo 11: "Tu ignoras os pecados dos homens para que se arrependam". A audiência ateniense de Paulo o seguiu até que ele começou a expor a doutrina judaica de um dia final de julgamento e a falar da ressurreição d'Aquele que Deus havia destinado a

sentar-se no trono do julgamento. Fiel às suas características bem conhecidas, a audiência ateniense estava dividida em seu julgamento; mas o desprezo ou a indiferença geral prevaleceram. A partida imediata de Paulo da cidade também sugere fortemente que a corte do Areópago, se passou julgamento formal sobre seu discurso, recusou-lhe os direitos da Ágora. O autor dos Atos, embora em outro lugar inclinado a exagerar os resultados do trabalho dos primeiros apóstolos, é evidentemente fiel aos seus dados aqui, pois ele enfatiza simplesmente a pouca resposta ao pregação de Paulo. Paulo mesmo fala mais tarde de Estéfanos de Corinto como os primeiros frutos da Acaia (1 Coríntios 16), o que implica que ele considerava seu trabalho anterior em Atenas como praticamente infrutífero. Este resultado de sua breve estada no centro histórico da cultura grega não é tanto uma demonstração das limitações de Paulo como uma revelação do caráter da classe à qual ele falou.

IV. A habilidade de Paulo como orador. Não é provável que o autor de Atos tenha preservado um relato literal dos discursos de Paulo; mas ele nos deu uma impressão extremamente vívida da habilidade consumada, bem como da devoção, que fez de Paulo o grande apóstolo do mundo grego. Ao apelar para seu público gentio, ele foi prejudicado pelos fortes preconceitos então sentidos em relação à sua raça, por sua aparência pessoal pouco atraente, por seu estilo literário envolvente, por seus métodos rabínicos de pensamento e, acima de tudo, pelo fato de que em seu apelo ele falou mais ao coração do que à mente. Apesar dessas desvantagens aparentemente impossíveis, ele alcançou e conquistou muitos dos homens mais inteligentes e cultos de sua época por suas palavras e por sua personalidade. Ele era como uma torrente impetuosa na montanha que carregava tudo à sua frente. A fonte de sua força irresistível era sua convicção absoluta da verdade do que ele falava e de sua autoridade divinamente dada para proclamá-la. Aparentemente, em nenhum momento ele questionou seu chamado ou a certeza de suas convicções. A essa segurança foi acrescentada uma intensa seriedade, acentuada sem dúvida por sua crença de que o fim da presente ordem estava próximo. Como os antigos profetas hebreus, ele sempre foi dominado por um enorme senso de responsabilidade e um desejo apaixonado de salvar os homens da terrível calamidade que ele sentia ser iminente. Enquanto por um lado ele compartilhava as expectativas apocalípticas judaicas, ele sentia o profundo anseio do mundo gentio pela salvação pessoal e pela consciência da comunhão e amizade com o Infinito. Portanto, suas palavras apelam para as necessidades humanas universais. Ele estava ansioso para apreciar essas necessidades, mas era igualmente hábil em adaptar sua mensagem ao público. Ele tinha a rara arte de “ser tudo para todos os homens”. Ele também tinha consciência dessa arte e a exercitava deliberadamente: “Para os judeus eu me torno como um judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão fora da lei, torno-me como fora da lei, a fim de ganhar os que estão fora da lei. Para os fracos, eu mesmo me torno como um fraco, a fim de conquistar os fracos”. Ele conheceu os camponeses pagãos de Listra e os estudantes cultos de Atenas no terreno comum da religião universal. Tendo estabelecido um ponto de contato próximo, ele os conduziu com tato à apreciação e aceitação de seu próprio ponto de vista. Aos judeus ele apelou com base nas promessas contidas em suas antigas escrituras. Para usar sua própria figura, ele nunca plantou seus golpes como quem bate no ar. Ao seu tato sincero e consumado,

acrescentou uma profunda simpatia por aqueles a quem procurava alcançar. Seu método, como o de Jesus, não era negativo e destrutivo, mas predominantemente positivo e construtivo. Seu objetivo não era apenas interessar e convencer os homens, mas salvá-los. A força motriz em Paulo, o orador, portanto, não era mera lógica, mas amor pelos homens e lealdade ao Mestre a quem servia. Atrás de suas palavras estava sua personalidade heroica. Ele falou por experiência pessoal, diretamente de seu próprio coração para o coração dos homens. A essas fortes qualificações foram adicionados um conhecimento amplo e variado do mundo e da natureza humana, uma originalidade ousada e uma habilidade incomum no uso de figuras de linguagem e ilustrações populares e adequadas. Estes ele extraiu da vida do comerciante, do fazendeiro, do viajante, do marinheiro e até do atleta. Frases coloquiais, correntes na ágora, no fórum e no templo, estavam constantemente em seus lábios, pois Paulo era extremamente habilidoso em interpretar o Evangelho na vida cotidiana e pensava nas audiências extremamente variadas às quais falava.

V. Problemas e métodos de Paulo em Corinto. A grande metrópole de Corinto estava situada na "Ponte do Mar", o istmo que separava o Golfo de Corinto do Golfo Sarônico. Esse estreito de terra cortava diretamente a rota natural mais curta de Roma para Éfeso e o Oriente. Toda carga enviada por essa rota precisava ser transferida aqui. Por isso, era um dos centros comerciais mais importantes do mundo romano. A cidade foi construída em uma ampla plataforma natural acima da qual sua acrópole se elevava a uma altura de cerca de 1.800 pés acima do nível do mar. Corinto havia sido uma colônia romana desde os dias de Júlio César. A ela havia gravitado a população mais variada. Era opulenta, cosmopolita, corrupta e libertina. Para ela haviam jorrado não apenas o ouro e as ideias, mas também os vícios do Oriente e do Ocidente. Estrategicamente, era de grande importância, pois as ideias implantadas aqui se espalhavam facilmente pelo mundo romano. Corinto era uma cidade bem calculada para apelar poderosamente para as simpatias, para a audácia heroica e para o amplo estadismo de Paulo. A sorte, ou melhor, a aparente má sorte, o trouxe aqui. Perseguido de Filipos, Tessalônica e Beréia, frustrado em Atenas, ansioso, atormentado pela pobreza e enfraquecido pela doença, Paulo, por volta do ano 50 d.C., iniciou seu trabalho nesta capital e metrópole da Acaia. Por cerca de um ano e meio, ele viveu e trabalhou aqui. Para se sustentar, ele retomou sua ocupação como fabricante de tendas. Seus primeiros amigos e colegas de trabalho foram Áquila e sua esposa, Prisca, ou, como ela é mais conhecida pelo diminutivo de seu nome, Priscila. Eles eram naturais do Ponto, mas haviam vivido em Roma até serem recentemente expulsos pelo édito de Cláudio, que é datado por Orosius em 49 a.C. Suetônio declara que essa expulsão dos judeus foi devido a um certo tumulto liderado por um certo Cresto. Aparentemente, isso é uma corrupção popular do nome Cristo, e o comentário de Suetônio sugere que, nesta época, os cristãos já formavam uma forte comunidade na cidade capital. O fato de Paulo ter feito sua casa com Priscila e Áquila e nunca os incluir entre seus convertidos indica que eles eram cristãos antes de encontrar refúgio em Corinto. Suas relações íntimas com eles, sem dúvida, o colocaram em contato próximo com as condições em Roma e devem ter contribuído para seu crescente desejo de visitar a cidade imperial. Seguindo seu costume habitual, Paulo primeiro tentou através da sinagoga judaica obter uma audiência pública. Silas e Timóteo o

ajudaram em seu trabalho, mas logo experimentaram a reação usual. A maioria dos judeus rejeitou a afirmação de Paulo de que Jesus era o Messias, mas pelo menos um prosélito devoto, e provavelmente vários, abriram seus corações e suas casas à mensagem de Paulo. Com sua persistência e coragem habituais, Paulo escolheu a casa de Tito Justo, que fazia fronteira com a sinagoga, como o novo centro de seu trabalho. Crispo, um alto funcionário na sinagoga, aceitou os ensinamentos de Paulo e seu exemplo exerceu uma forte influência em todas as classes em Corinto. Tão bem-sucedido foi o trabalho de Paulo que ele despertou a perseguição usual, especialmente por parte dos judeus. Em sua raiva cega, eles arrastaram Paulo diante do procônsul romano, Galio, irmão do famoso filósofo estoico Sêneca. Reconhecendo que o caso era simplesmente uma disputa entre os partidários de diferentes seitas religiosas, o procônsul sumariamente dispensou o caso e os expulsou do tribunal. Não está totalmente claro se foi o ódio aos judeus ou o interesse em Paulo e seus ensinamentos que levou a multidão a pegar Sóstenes, o presidente da sinagoga judaica, e espancá-lo. Sua ação certamente não refletiu o espírito dos ensinamentos de Paulo. No entanto, é possível que este fosse o mesmo Sóstenes a quem Paulo se refere mais tarde como um convertido dedicado. Em sua correspondência com os coríntios, Paulo nos diz que em Corinto abandonou todas as discussões filosóficas e terminologia e se dedicou exclusivamente a proclamar em termos mais simples o Evangelho da cruz.

VI. Os resultados da obra de Paulo em Corinto. Os dezoito meses passados em Corinto foram alguns dos mais críticos e frutíferos no ministério de Paulo. A transformação dos gregos ignorantes e corruptos desta cidade voluptuosa em cristãos dignos foi o maior milagre no ministério de Paulo, se não na história inicial do cristianismo. Aqui, ele estava lutando com a forma mais sedutora e descarada de imoralidade que, sob o disfarce das antigas religiões pagãs, havia permeado toda a vida de Corinto. A essa imoralidade profundamente enraizada, foi adicionado o materialismo grosseiro de uma cidade fortemente comercial e a inconstância que sempre foi uma característica da raça grega. Diante de todas essas dificuldades, Paulo estabeleceu uma igreja cristã forte em Corinto. A chamada Primeira Epístola de Clemente, escrita perto do fim do primeiro século cristão pela Igreja de Roma aos cristãos coríntios, fala do nome deles como venerável e famoso e digno de todo amor dos homens. Em outro lugar da mesma epístola, é encontrada essa alta recomendação: "Quem já morou mesmo por um curto período entre vocês e não achou sua fé tão frutífera em virtude quanto ela estava firmemente estabelecida? Quem não admirou a sobriedade e a moderação de sua piedade em Cristo e quem não se alegrou com seu conhecimento perfeito e completo?". Foi de Corinto também que Paulo enviou suas cartas às igrejas macedônias e, por meio das visitas frequentes de seus assistentes, fortaleceu e confirmou a fé cristã nelas. Aqui também ele enfrentou o ataque dos estreitos judaizantes que buscaram minar seu trabalho na Galácia e até encontraram o caminho para Corinto. O ministério de Paulo em Corinto parece ter sido uma batalha longa e contínua, e a batalha de forma alguma cessou quando ele seguiu para Éfeso; mas no final ele ganhou uma vitória que marcou um grande e significativo avanço na conquista do mundo romano pelo cristianismo.

Charles Foster Kent (The work and teachings of the apostles, 1916).

Se, além da filosofia, é necessária alguma doutrina adicional?

Objeção 1: Parece que, além da ciência filosófica, não precisamos de nenhum conhecimento adicional. Pois o homem não deve procurar saber o que está acima da razão: "Não procure as coisas que são muito altas para você" (Eclesiástico 3. 22). Mas o que não está acima da razão é totalmente tratado na ciência filosófica. Portanto, qualquer outro conhecimento além da ciência filosófica é supérfluo.

Objeção 2: Além disso, o conhecimento pode se preocupar apenas com o ser, pois nada pode ser conhecido, exceto o que é verdadeiro; e tudo o que é verdade é verdade. Mas tudo o que é tratado é na ciência filosófica - até o próprio Deus; de modo que há uma parte da filosofia chamada teologia, ou a ciência divina, como Aristóteles provou (Metafísica VI). Portanto, além da ciência filosófica, não há necessidade de nenhum conhecimento adicional.

Pelo contrário, está escrito (2 Timóteo 3. 16): "Toda Escritura, inspirada por Deus, é proveitosa para ensinar, reprová-lo, corrigir, instruir na justiça". Agora, as Escrituras, inspiradas por Deus, não fazem parte da ciência filosófica, que foi construída pela razão humana. Portanto, é útil que, além da ciência filosófica, deva haver outro conhecimento, isto é, inspirado por Deus.

Eu respondo que, era necessário para a salvação do homem que houvesse um conhecimento revelado por Deus, além da ciência filosófica construída pela razão humana. Em primeiro lugar, de fato, porque o homem é direcionado a Deus, a um fim que ultrapassa o alcance de sua razão: "Deus não vê, além de ti, o que as coisas preparaste para os que te esperam" (Isaías 66. 4). Mas o fim deve primeiro ser conhecido pelos homens que devem direcionar seus pensamentos e ações para o fim. Portanto, era necessário para a salvação do homem que certas verdades que excediam a razão humana lhe fossem conhecidas pela revelação divina. Mesmo no que diz respeito às verdades sobre Deus que a razão humana poderia ter descoberto, era necessário que o homem fosse ensinado por uma revelação divina; porque a verdade sobre Deus, como a razão, poderia descobrir, só seria conhecida por poucos, e isso depois de muito tempo, e com a mistura de muitos erros. Enquanto toda a salvação do homem, que está em Deus, depende do conhecimento desta verdade. Portanto, para que a salvação dos homens pudesse ser realizada de maneira mais adequada e segura, era necessário que fossem ensinadas as verdades divinas por revelação divina.

Resposta à Objeção 1: Embora as coisas que estão além do conhecimento do homem não possam ser procuradas pelo homem por sua razão, no entanto, uma vez reveladas por Deus, elas devem ser aceitas pela fé. Portanto, o texto sagrado continua: "Porque muitas coisas te são mostradas acima da compreensão do homem" (Eclesiástico 3. 25). E nisso, a ciência sagrada consiste.

Resposta à Objeção 2: As ciências são diferenciadas de acordo com os vários meios pelos quais o conhecimento é obtido. Para o astrônomo e o físico, ambos podem provar a mesma conclusão: que a Terra, por exemplo, é redonda: o astrônomo por meio da matemática (isto é, abstraindo da matéria), mas o físico por meio da própria matéria. Portanto, não há razão para que as coisas que podem ser aprendidas da ciência filosófica, na medida em que possam ser conhecidas pela razão natural, também não possam ser ensinadas por outra ciência, na medida em que caem na revelação. Portanto, a teologia incluída na doutrina sagrada difere em espécie daquela teologia que faz parte da filosofia.

~

Tomás de Aquino

Suma Teológica. Primeira parte: A natureza e a extensão da doutrina sagrada.

Dissertação preliminar sobre a conformidade da fé com a razão

1. Começo com a questão preliminar da conformidade da fé com a razão e do uso da filosofia na teologia, porque isso tem muita influência no assunto principal do meu tratado e porque o Bayle a introduz em todos os lugares. Parto do pressuposto de que duas verdades não podem se contradizer; que o objeto da fé é a verdade que Deus revelou de forma extraordinária; e que a razão é a ligação de verdades, mas especialmente (quando comparada com a fé) daquelas às quais a mente humana pode chegar naturalmente, sem ser auxiliada pela luz da fé. Essa definição de razão (ou seja, de razão estrita e verdadeira) surpreendeu algumas pessoas acostumadas a invejar a razão tomada em sentido vago. Elas me responderam que nunca tinham ouvido falar de tal explicação; a verdade é que elas nunca conversaram com pessoas que se expressaram claramente sobre esses assuntos. No entanto, elas me confessaram que não poderiam reprovar a razão, compreendida no sentido que dei a ela. É nesse mesmo sentido que, às vezes, a razão é contrastada com a experiência. A razão, uma vez que consiste na conexão de verdades, tem o direito de conectar também aquelas que a experiência lhe forneceu, a fim de tirar conclusões mistas; mas a razão pura e simples, distinta da experiência, só lida com verdades independentes dos sentidos. E podemos comparar a fé com a experiência, uma vez que a fé (no que diz respeito aos motivos que a justificam) depende da experiência daqueles que viram os milagres sobre os quais se baseia a revelação e da tradição confiável que os transmitiu a nós, quer seja pelas Escrituras ou pelo relato daqueles que os preservaram. É mais como confiamos na experiência daqueles que viram a China e na credibilidade de seu relato quando acreditamos nas maravilhas que nos contam sobre aquele país distante. No entanto, eu também levaria em consideração o movimento interior do Espírito Santo, que toma posse das almas e as persuade e as incita ao bem, ou seja, à fé e à caridade, sem sempre precisar de motivos.

2. Agora, as verdades da razão se dividem em dois tipos: um tipo é daqueles chamados de "Verdades Eternas", que são inteiramente necessárias, de modo que o oposto implica contradição. São verdades cuja necessidade é lógica, metafísica ou geométrica, que não se pode negar sem cair em absurdos. Há outras que podem ser chamadas de positivas, porque são as leis que Deus se agradou de dar à Natureza, ou porque dependem delas. Aprendemos essas verdades ou por experiência, ou seja, a posteriori, ou pela razão e a priori, ou seja, por considerações da conveniência das coisas que causaram a sua escolha. Essa conveniência das coisas também tem suas

regras e razões, mas é a escolha livre de Deus, e não uma necessidade geométrica, que causa preferência pelo que é apropriado e o traz à existência. Assim, pode-se dizer que a necessidade física é fundamentada na necessidade moral, ou seja, na escolha do sábio que é digna de sua sabedoria; e ambas devem ser distinguidas da necessidade geométrica. É essa necessidade física que estabelece a ordem na Natureza e reside nas regras do movimento e em algumas outras leis gerais que Deus escolheu ao dar existência às coisas. Portanto, é verdade que Deus deu tais leis não sem razão, pois ele não escolhe nada por capricho ou como se fosse por acaso ou em pura indiferença; no entanto, as razões gerais do bem e da ordem que o levaram a fazer essa escolha podem ser superadas em alguns casos por razões mais fortes de uma ordem superior.

3. Assim, fica claro que Deus pode isentar as criaturas das leis que Ele prescreveu para elas e produzir nelas aquilo que sua natureza não suporta, realizando um milagre. Quando elas atingiram perfeições e faculdades mais nobres do que aquelas que podem alcançar por sua natureza, os Escolásticos chamam essa faculdade de "Poder Obediente", ou seja, um poder que a coisa adquire obedecendo ao comando daquele que pode dar o que a coisa não tem. No entanto, os Escolásticos costumam dar exemplos desse poder que me parecem impossíveis: eles sustentam, por exemplo, que Deus pode dar à criatura a faculdade de criar. Pode ser que existam milagres que Deus realiza por meio do ministério dos anjos, nos quais as leis da Natureza não são violadas, da mesma forma que quando os seres humanos auxiliam a Natureza com a arte, a habilidade dos anjos diferindo da nossa apenas em grau de perfeição. No entanto, ainda é verdade que as leis da Natureza estão sujeitas à dispensação do Legislador, enquanto as verdades eternas, como as da geometria, não admitem dispensação, e a fé não pode contradizê-las. Portanto, não pode haver objeção invencível à verdade. Pois se se trata de uma prova fundamentada em princípios ou fatos incontestáveis e formada por uma ligação de verdades eternas, a conclusão é certa e essencial, e o que é contrário a ela deve ser falso; caso contrário, duas contraditórias poderiam ser verdadeiras ao mesmo tempo. Se a objeção não for conclusiva, ela só pode formar um argumento provável, que não tem força contra a fé, uma vez que se concorda que os Mistérios da religião são contrários às aparências. Agora, Bayle declara, em sua Réplica póstuma a Le Clerc, que não reivindica que existam demonstrações contrárias às verdades da fé: como resultado, todas essas dificuldades insuperáveis, essas chamadas guerras entre razão e fé, desaparecem.

*Os movimentos das mentes e essas grandes discriminações,
Com o arremesso de um punhado de poeira, repousam.*

~

Gottfried Wilhelm Leibniz

(Theodicy, Essays on the Goodness of God, the Freedom of Man and the Origin of Evil, 1714).

O escárnio dos filósofos gentios

1. PAULO, o abençoado apóstolo, meus amados irmãos, escrevendo aos coríntios que habitam na Grécia da Lacônia, falou dizendo: "A sabedoria deste mundo é loucura aos olhos de Deus" (1 Coríntios 3. 19), e ele disse que não estava errado. Pois me parece ter começado com a rebelião dos anjos [1]; por qual causa os filósofos apresentam suas doutrinas, dizendo coisas que não soam iguais nem significam o mesmo. Pois alguns deles dizem que a alma é fogo, como Demócrito; ar, como os estoicos; alguns dizem que é a mente; e alguns dizem que é movimento, como Heráclito [2]; alguns dizem que é a expiração; alguns uma influência que flui das estrelas; alguns dizem que é um número em movimento, como Pitágoras; alguns dizem que é água geradora, como Hípon; alguns dizem um elemento dos elementos; alguns dizem que é harmonia, como Dinarco; alguns dizem ser o sangue, como Critias; alguns a respiração; alguns dizem unidade, como Pitágoras; e assim os antigos dizem coisas contrárias. Quantas declarações existem sobre essas coisas! Quantas tentativas! Quantos sofistas também lutam em vez de buscar a verdade!

2. Seja assim: eles divergem sobre a alma, mas pronunciaram outras coisas sobre ela em uníssono: e de outros, um homem chama o prazer de bom, outro de mau, e novamente um terceiro homem, seu estado intermediário entre o bem e o mal. Mas a sua natureza alguns chamam de imortal, outros de mortal, e outros dizem que permanece por um tempo, mas outros que se embrutece, outros a dividem em átomos, outros a incorporam três vezes, outros atribuem a ela períodos de três mil anos. Pois embora eles não vivam nem cem anos, eles falam de três mil anos [3] prestes a vir. O que então devemos denominar essas coisas? Elas me parecem um prodígio, ou insensatez, ou loucura, ou rebelião, ou tudo isso junto. Se eles descobrirem algo verdadeiro, deixe-os concordar sobre isso, ou deixe-os se unirem, e então eu os ouvirei com prazer. Mas, se eles distraírem a alma e a atraírem, um para uma natureza diferente, outro para um ser diferente, trocando um tipo de matéria por outro; confesso que fico incomodado com o fluxo e refluxo do assunto. Ao mesmo tempo, sou imortal e me regozijo; em outro momento, torno-me novamente mortal e choro. De novo me dissolvo em átomos: torno-me água e torno-me ar: torno-me fogo e, pouco depois, nem ar, nem fogo: ele me faz um animal, ele me faz um peixe [4]. Mais uma vez, tenho golfinhos para meus irmãos; mas quando olho para mim mesmo, fico assustado com meu corpo e não sei como devo chamá-lo, homem, ou cachorro, ou lobo, ou touro, ou pássaro, ou cobra, ou serpente, ou quimera; pois fui transformado pelos filósofos em todos os animais, da terra, do mar, tendo asas, de muitas formas, selvagem ou manso, mudo ou vocal, bruto ou que raciocina: eu nado, eu voou, eu me elevo no alto, eu rastejo, corro, sento. Mas aqui está Empédocles, e ele me faz um toco de árvore.

3. Desde então, não é possível para os filósofos concordarem em descobrir a alma do homem, eles dificilmente podem declarar a verdade sobre os deuses ou o universo. Pois eles têm essa audácia, que não posso chamar de paixão. Para aqueles que não são capazes de descobrir sua própria alma, buscam a natureza dos próprios deuses; e os que não conhecem o seu próprio corpo, ocupam-se sobre a natureza do mundo. Na verdade, eles se opõem completamente sobre os princípios da natureza. Quando Anaxágoras me pega, ele me ensina assim: "O começo de todas as coisas é a mente, e esta é a causa e o regulador de todas as coisas, e dá disposição às coisas não arranjadas, e movimento às coisas imóveis, e distinção às coisas misturadas, e ordenação às coisas desordenadas". Anaxágoras, que diz essas palavras, é meu amigo, e eu me curvo à sua doutrina. Mas contra ele se levantam Melisso e Parmênides. Parmênides, de fato, em suas obras poéticas, proclama que o ser é um, e eterno, e infinito, e imóvel, e em tudo semelhante. Mais uma vez, não sei por que mudo para esta doutrina: Parmênides expulsou Anaxágoras de minha mente. Mas quando estou a ponto de pensar que agora tenho uma doutrina firme, Anaximenes, agarrando-me, grita: "Mas eu lhe digo, tudo é ar, e este ar, engrossando e assentando, torna-se água e ar; rarefazendo-se e se espalhando, torna-se éter e fogo: mas retornando à sua própria natureza, torna-se ar rarefeito: mas se também se condensa, (diz ele) muda". E assim novamente passo para esta opinião dele, e aprecio Anaxímenes.

4. Mas Empédocles fica do lado oposto, irritando-se e gritando em voz alta de Aetna [5]. Os princípios de todas as coisas são inimidade e amizade, um aproximando, o outro separando; e sua luta faz todas as coisas. Mas eu os defino como iguais e diferentes, sem limites e tendo limites, coisas eternas e coisas feitas. Muito bem, Empédocles; eu sigo você agora até as crateras de fogo. Mas, por outro lado, está Protágoras e me chama de lado, dizendo: "O homem é o termo e o arbítrio das coisas, e essas são as coisas que caem sob a sensação: mas aquelas que não caem assim não estão nas formas de ser". Seduzido por Protágoras com esta descrição, estou satisfeito, porque tudo ou pelo menos a maior parte é deixada para o homem. Mas, por outro lado, Tales acena com a verdade para mim, definindo a água como o princípio de tudo, e que todas as coisas são formadas a partir da umidade e é resolvido no úmido, e a terra cavalga sobre a água. Por que então eu não deveria ouvir Tales, o ancião [6] dos jônios? Mas o seu próprio compatriota Anaximandro diz que o movimento eterno é um princípio mais antigo que a umidade, e que por ele algumas coisas são geradas e outras perecem. E assim, que se deixe Anaximandro ser nosso guia.

5. E não é o de boa reputação Arquelaus, que declara que os princípios do todo são calor e frio? Mas também nisso o grandiloquente Platão não concorda; dizendo que os princípios são Deus, e a matéria, e o exemplo. Agora estou persuadido. Pois como não devo confiar em um filósofo que fez a carruagem de Júpiter? Mas atrás está seu discípulo Aristóteles, invejando seu mestre por sua carruagem. Ele estabelece outros princípios, fazer e sofrer; e que o princípio ativo é o éter, que não é influenciado por nada, mas o passivo tem quatro qualidades, seca, umidade, calor e frio: pois pela mudança destas umas nas outras todas as coisas são produzidas e perecem. Estávamos agora cansados, mudando para cima e para baixo com as doutrinas, mas vou me apoiar na opinião de Aristóteles, e não deixarei que nenhuma doutrina doravante me perturbe.

6. Mas o que posso fazer? Pois velhos mais antigos do que estes restringem minha alma: Ferécides dizendo que os princípios são Júpiter e Tellus [7], e Saturno - Júpiter, o éter, Tellus, a Terra e Saturno, o Tempo. O éter é o agente, mas a terra é passiva, e o Tempo no qual todas as coisas criadas estão compreendidas. Esses velhos têm contendas entre si. Pois Leucipo, considerando todas essas coisas loucura, diz que os princípios são ilimitados, imóveis e infinitesimais; e que as partes mais leves, subindo, tornam-se fogo e ar, enquanto as partes mais pesadas, descendo, tornam-se água e terra. Por quanto tempo aprendi tais coisas, sem aprender nada verdadeiro? A menos que Demócrito me liberte do erro, declarando que os princípios são a Existência e a Não-existência, e que a Existência é plena, mas a Não-existência é vazia [8]; mas o cheio afeta todas as coisas por mudança ou por ordem no vazio. Talvez eu possa ouvir o bom Demócrito e gostaria para rir com ele, Heráclito não me persuadiu do contrário, ao mesmo tempo chorando e dizendo: "O fogo é o princípio de todas as coisas: tem dois estados de ser, magreza e espessura: um ativo, o outro passivo, o um misturando, o outro separando". Isso me basta, e eu já deveria estar embriagado com tantos princípios: mas Epicuro [9] me chama para longe também, de modo algum para injuriar sua boa doutrina, de átomos e do vazio. Pois pelo entrelaçamento variado e múltiplo destes, todas as coisas nascem e perecem.

7. Não o contradigo, meu melhor dos homens, Epicuro. Mas Cleantes [10], levantando a cabeça do poço, ri de sua doutrina. E eu também derivo dele os verdadeiros princípios, Deus e a matéria; e que a terra se transforma em água e a água em ar; que o ar flutua, e que o fogo chega às partes próximas à terra, que a alma se estende por todo o mundo, do qual também nós, compartilhando uma porção, temos o sopro da vida. Sendo assim muitas coisas, outra multidão me aglomera da Líbia, Carneades e Clitômaco, e todos os seus seguidores, pisoteando todas as doutrinas dos outros e declarando claramente que todas as coisas são incompreensíveis e que uma falsa imaginação sempre paira sobre a verdade. O que será de mim, depois de ter trabalhado tanto tempo? Como posso transmitir tantas doutrinas da minha mente? Pois se nada é compreensível, a verdade se foi dos homens.

8. Mas eis que, da velha escola, Pitágoras e seus companheiros, homens graves e silenciosos, entregam-me outras doutrinas, como mistérios, e entre elas esta grande e inefável, ELE DISSE. O princípio de todas as coisas é a unidade, mas de suas formas e números são produzidos os elementos, e o número, a forma e a medida de cada um deles são declarados de alguma forma. O fogo é completado por vinte e quatro triângulos retângulos, sendo contido por quatro equiláteros. Cada um equilátero é composto de seis triângulos, de onde também o comparam a uma pirâmide. Mas o ar é completado por quarenta e oito triângulos, sendo contido por oito equiláteros. Mas é comparado a um octaedro, que é contido por oito triângulos equiláteros, cada um dos quais é dividido em seis retângulos, de modo que são quarenta e oito ao todo. Mas a água sendo contida por cento e vinte, é comparada também a uma figura com vinte lados, que de fato consiste em vinte e seis triângulos iguais e equiláteros... e... [11]. Mas o éter é completado por doze pentágonos equiláteros, e é semelhante a uma figura com doze lados, a Terra é completada por quarenta e oito triângulos, e também é contida por seis triângulos equiláteros, e é como um cubo. Pois o cubo é contido por

seis quadrados, cada um dos quais se estende a quatro triângulos; de modo que todos juntos são vinte e quatro.

9. Assim, Pitágoras mede o mundo. Mas eu novamente, ficando inspirado, desprezo minha casa, e meu país, e minha esposa, e meus filhos, e não mais me importo com eles, mas subo no próprio éter, e tomando o côvado de Pitágoras, começo a medir o fogo. Para a medição de Júpiter não é suficiente para mim. A menos que também o grande animal, o grande corpo, a grande alma, EU MESMO, suba ao céu e meça o éter, o governo de Júpiter se foi. Mas quando eu o medi, e Júpiter aprendeu de mim, quantos ângulos o fogo tem, eu desço novamente do céu, e comendo azeitonas, figos e repolho, faço o melhor caminho para a água, e com côvado, e dígito e meio dígito, meço o ser aquoso e calculo sua profundidade, para que eu também possa ensinar a Netuno quanto mar ele governa. Passo por toda a terra em um dia, coletando seu número, sua medida e suas formas. Pois estou convencido de que, sendo uma pessoa tão importante como eu, de todas as coisas no mundo, não cometerei um único erro. Mas eu sei o número das estrelas, dos peixes e das feras, e colocando o mundo em uma balança, posso facilmente aprender seu peso. Sobre estas coisas, então, minha alma tem estado empenhada até agora, para ter domínio sobre todas as coisas.

10. Mas Epicuro, inclinando-se para mim, diz: "Você mediu um mundo, meu amigo; há muitos e infinitos mundos [12] de onde ambas as casas e cidades prosperam. Eu passei por essas coisas, desejando apontar a oposição que existe em suas doutrinas, e como seu exame das coisas irá ao infinito e sem limite, pois seu fim é inexplicável e inútil, não sendo confirmado nem por um fato manifesto, nem por um argumento sólido.

~

Notas:

[1] Página 193, linha 5, rebelião dos anjos. Esta opinião foi defendida por muitos outros filósofos, e é refutada por Clemens Alexandrinus, Strom. eu, pág. 310, e vi, pág. 647. É uma noção oriental bem conhecida e foi lindamente incorporada nos escritos de alguns de nossos poetas modernos.

[2] Linha 10, Heráclito. Os editores pensam que esses nomes dos filósofos eram originalmente notas laterais e foram copiados por engano no texto. O editor de Oxford diz que o nome de Heráclito está aqui mal colocado e deve vir após a expiração, na próxima linha. Veja Plutão. de Placit. Filósofo. iv, 3. |269

[3] Página 194, linha 9, três mil anos. Em alusão às visões de Platão sobre os três períodos de três mil anos. Ver Fédon, p. 248.

[4] Linha 21, um peixe. Empédocles e Platão parecem estar aqui significando. Ver Tertuliano de Anima, XXXII, e Timeu de Platão, sub fin.

[5] Página 195, linha 22, Empédocles. Diz-se que Empédocles, para que pudesse desaparecer completamente da vista dos homens e ser considerado imortal, saltou para a cratera do Monte Etna, mas que um de seus sapatos foi lançado com a lava, e detectou seu projeto.

[6] Página 196, linha 2, presbítero.

[7] Linha 28, Júpiter e Tellus, etc. Em grego Zeus, Chthonia e Kronos: usamos os nomes equivalentes das divindades romanas correspondentes.

[8] Linha 35, vazia. A doutrina do pleno e do vácuo, como é geralmente denominada. Prefiro as palavras inglesas simples, cheias e vazias.

[9] Página 197, linha 6, Epicuro. O leitor deve ser informado de que a doutrina do gozo desenfreado foi promulgada, não por este eminente filósofo, mas por seus discípulos depois dele, que tomaram um corolário de seu sistema, como o expoente do próprio sistema.

[10] Linha 11, Cleantes. O sucessor de Zeno como chefe da escola estóica, famoso por sua sobriedade - um bebedor de água.

[11] Página 198, linha 7, triângulo, etc. Aqui está alguma omissão ou corrupção no grego. Worth, o editor de Hermias em Oxford, tentou reconstruir toda a passagem: mas é um trabalho infrutífero segui-lo; a ideia geral da doutrina é tão óbvia quanto absurda.

[12] Página 199, linha 1, mundos infinitos. Os antigos não eram totalmente desprovidos de conhecimento das maravilhas da astronomia e do imenso número de corpos celestes; embora geralmente se acredite que não era nada em comparação com as revelações da ciência moderna feitas por meio do telescópio.

~

Hermias, o Filósofo (Século III).

Traduzido por J. A. Giles em 1857, disponibilizado por Roger Pearse.

Hermias, o Filósofo, foi um importante filósofo neoplatônico cristão do século III d.C. Ele é mais conhecido por seus comentários sobre os diálogos de Platão, que são importantes contribuições para o estudo da filosofia platônica.

Mal moral

A existência da maldade humana é um assunto muito popular entre os oponentes da religião. No entanto, ao usarem esse mistério como um argumento contra o teísmo, eles são muito inconsistentes. Em um dia, eles vão afirmar (a) que o homem é por natureza essencialmente mau e que Deus é o culpado; e no dia seguinte, eles vão afirmar que (b) não há razão para supor que Deus existe, e que o homem não pode ser mau, porque não tem liberdade de escolha entre alternativas. Eles afirmam que, portanto, é absurdo tanto elogiar quanto culpar um homem por qualquer coisa que ele faça ou deixe de fazer.

Argumentar dessa maneira é, é claro, totalmente inconsistente: não é possível ficar em cima do muro em ambos os lados ao mesmo tempo. Para atacar o teísmo, nossos oponentes assumem a existência de uma vasta quantidade de mal moral, enquanto, para manter as posições materialistas e deterministas, negam que o homem possa ser perverso.

Eles justificam essa inconsistência deles por meio de um tu quoque [1]. Eles dizem: "Na verdade, é você quem é inconsistente. Nós não cremos na existência do mal moral, mas como você crê, e também crê na existência, na Onipotência e na Providência, de um Autor perfeitamente bom de todas as coisas, chamamos a atenção para a incompatibilidade dessas duas crenças. Se o mal moral existe, Deus não existe, ou então Deus não é bom".

O argumento mais grosseiro apresentado contra o teísmo cristão é o seguinte: "Você diz que Deus existe e que Ele criou tudo. Se Ele criou tudo, Ele criou o mal, e sendo assim, Ele não pode ser um Ser justo".

Mas o mal moral não é como a atmosfera ou o éter, que são criados por Deus: o mal, como existe no pensamento e na ação humana, é uma qualidade que se vincula aos pensamentos e ações humanas que estão errados. O mal, na esfera da conduta humana, não é algo objetivo, externo ao homem, mas é uma qualidade dependente da escolha do homem. O mal não é uma entidade. A conduta errada do homem não é algo objetivo e externo ao homem que age de forma errada. O mal na esfera da conduta humana não foi criado por algum agente que não seja o próprio ser humano que peca. A ação maligna de um homem não é algo que possa ser isolado dele e da agência humana; seu pecado não é algo como seu chapéu ou casaco, que foram feitos por outra pessoa e colocados nele de fora.

Ao explicar a origem do mal moral na esfera do pensamento e da ação humana, devemos considerar se não é o homem o culpado pelo que ele faz de errado. O oponente mais inteligente do teísmo percebe isso, portanto, o ateu ponderado argumenta que:

- Se Deus existe e se Ele criou tudo, Ele criou a natureza humana. Nesse caso, Ele produziu e, portanto, é responsável por produzir aquilo que é muito propenso a se desviar. Se houver um Deus, e se Ele for onisciente, Ele deve ter sabido exatamente como o homem agiria, e, portanto, é Deus quem é responsável pela maneira como o homem realmente se comportou. Se a história de Adão e Eva for levada literalmente, nossos oponentes dizem que, supondo que Deus exista, Ele deve ter sabido, quando criou Adão e Eva, que eles agiriam muito em breve da maneira como agiram quando se desviaram, e que, portanto, quando caíram, foi Deus quem foi o culpado, não nossos primeiros pais, que não tiveram outra alternativa senão agir de acordo com sua natureza. Se a história de Adão e Eva for considerada como uma lenda antiga ou um drama religioso, e se a teoria evolutiva da origem do homem for aceita, nesse caso, nos é dito que é evidente que quando o homem evoluiu a partir de animais inferiores, quando ele alcançou o nível em que desenvolveu uma consciência e alguma medida de capacidade para escolher entre alternativas morais (supondo que o autodeterminista esteja correto), o homem inevitavelmente escolheu errado, bem como às vezes escolheu certo, meramente como resultado de sua natureza sendo o que era. Portanto, não foi o homem, mas foi Deus (se houver um Deus) quem fez a natureza do homem ser o que era e é. Portanto, se houver um Deus, foi Ele quem foi o culpado, em vez de nossos primeiros pais.

O argumento real é que um Ser infinitamente bom e onipotente, e também possuidor de onisciência, nunca poderia ter produzido homens perversos. Portanto, argumenta-se que, se o homem é perverso e se há um Deus, devemos necessariamente adotar uma das quatro conclusões muito pouco ortodoxas: ou (1) Deus não é moral; ou (2) Ele não é onipotente; ou (3) Ele não é onisciente; ou (4) o homem não peca. Deus não pode ser moral, onisciente e onipotente, e ainda assim ter produzido homens e mulheres pecadores.

Então, supondo que o teísta cristão responda que Deus criou apenas o que é bom e que foi o Diabo quem criou todo o mal, nossos oponentes perguntam por que (se o Diabo realmente existe) Deus o criou? Além disso, por que Deus não impede que o Diabo continue fazendo maldades, destruindo-o, se é de fato o Diabo quem está causando todo o mal moral?

Esses oponentes que não são deterministas e, portanto, acreditam na existência do mal moral, não gostam de pensar que qualquer Grande Ser tenha originado ou concordado com a existência de tanto mal moral e espiritual. Por isso, eles tendem a crer que não há um grande Originador da natureza humana, nem um Tentador Excessivamente Poderoso ou Diabo, mas que o homem evoluiu por si só. Argumenta-se que o homem surgiu e se desenvolveu sem qualquer ajuda de um Deus ou obstáculo de um Diabo, e que a humanidade, pelo mesmo processo de evolução sem controle, irá se esforçar para se desenvolver lentamente e com dificuldade em direção ao objetivo distante de seus ideais, ideais que ele mesmo originou, pela dor de sua alma, geração após geração, enquanto lutava penosamente para a frente, século após século, milênio após milênio.

- Uma resposta ao questionamento acima

Duas questões surgem: (i) O homem age perversamente? (2) Se assim for, quem é o culpado quando um determinado homem age de forma errada em qualquer ocasião específica?

O assassinato brutal é perverso se (a) o assassino sabia que deveria amar sua vítima, e se o assassino também (b) tinha o poder de escolher entre amar e assassinar sua vítima. Vamos considerar esses pontos mais tarde, quando lidarmos com o determinismo. Neste ponto, vou apenas presumir que o homem, normalmente, tem consciência e possui também uma considerável medida de liberdade de iniciativa e poder de escolha entre alternativas, e que, portanto, ele é em grande parte responsável pelo seu comportamento.

Todo mundo nasce no mundo nem moral nem imoral, mas amorfo. Além disso, ninguém se torna de repente muito mau. O que constitui o mal em alguns pensamentos e ações humanas, e o que constitui o bem em outros pensamentos e ações humanas? Não falamos sobre um relógio moral ou um relógio imoral, mas sim sobre um fabricante bom ou ruim desses mecanismos. Se os homens agem de forma perversa, por um lado, ou corretamente, por outro, como é que algumas de suas ações são consideradas corretas e outras devem ser chamadas de perversas? O que constitui ações humanas como moral ou imoral, em vez de serem apenas amorfas?

Se, em um caso particular, um homem não tem um verdadeiro poder de escolha, se ele não é, em nenhum sentido, um agente livre, se, em um caso particular, ele for irresistivelmente coagido a fazer o que faz, como, por exemplo, sob a influência de alguém que o hipnotizou, de modo que ele se torne uma mera máquina ou ferramenta impotente nas mãos de outro e sua vontade (e, portanto, suas ações) sejam completamente determinadas por um ser que não ele mesmo, então, nesse caso, ele não age moral ou imoralmente. Suas ações são apenas não-morais. Porque ele age sob compulsão, porque não tem alternativa, o mérito ou a culpa por suas ações não se aplicam a ele, mas ao seu hipnotizador. Enquanto ele está sob o completo controle de seu hipnotizador, suas ações são apenas não-morais, porque ele mesmo não tem iniciativa em relação a elas. Nesse caso, como não há ação má em sua parte para explicar, o problema da origem da imoralidade não pode surgir em seu caso; e se cada caso for semelhante ao dele, o problema não pode surgir de forma alguma. Ou se algum homem em particular estiver insano, então, é claro, no que lhe diz respeito, não há mal moral que exija qualquer explicação. E se todo homem estiver em posição semelhante, o problema do mal não surgirá. A imoralidade consiste em escolher o mal quando existe a alternativa oposta: quando a escolha do bem é possível. Se o homem não tem participação na produção de suas próprias ações, certamente ele não deve ser culpado nem elogiado; ele não faz nada "mal" ou "bem" nesse caso.

Aqueles que afirmam que Deus, se assim desejasse, poderia ter feito o homem incapaz do mal, compelindo-o a agir uniformemente de forma moral e correta, esquecem-se de que "justiça compulsória" é uma contradição em termos. Nunca pode

haver ações humanas justas, morais, a menos que haja também a alternativa oposta de escolher ações más. Para que a bondade seja possível, deve haver a possibilidade alternativa de maldade. Uma ação só pode ser moral quando é voluntária. A chamada "bondade compulsória" não é realmente bondade de um tipo moral.

As ações humanas são, em grande parte, o resultado (i) da posse do homem da capacidade de iniciativa e (ii) do uso que faz dessa capacidade de iniciativa. Em outras palavras, as ações do homem são em grande parte resultado de sua própria escolha entre as alternativas que lhe são apresentadas. Nos casos em que não há alternativa - onde não há poder de escolha - não pode haver questão de certo ou errado.

Quando o homem escolhe deliberada e conscientemente aquilo que sabe ser a opção moralmente inferior, em vez de adotar a opção superior, que ele sabe que tem o poder de escolher em vez disso, e que ele sabe que deveria escolher, chamamos sua ação de mal. Em resumo, quando ele usa sua liberdade de escolha para adotar o que sabe ser a opção maléfica, em vez de escolher a boa, que também estava disponível, ele é considerado pecador. Ele se recusa a adotar a boa alternativa, que ele sabe que também lhe foi oferecida e que poderia e deveria ter escolhido em vez disso. É a escolha errada que é má.

Se o estado atual da atividade humana, considerado como um todo, é lamentável, pelo fato de haver tanto mal nas ações humanas, surge a questão: Qual alternativa é sugerida, como sendo tanto possível quanto preferível? Criticar as coisas como elas são implica que alguma alternativa superior está presente na mente. Se não houver tal alternativa concebível, então a crítica do estado atual das coisas é absurda. Qual alternativa há então para a possibilidade do mal?

A única alternativa para a existência ocasional de escolha maléfica por parte do homem é remover a possibilidade de escolher corretamente. A bondade uniforme e compulsória, a perfeição moral necessitada e a retidão rigidamente determinada são todas contradições em termos. A perfeição moral necessitada não possui qualidade moral alguma. A retidão determinada é uma impossibilidade. Em outras palavras, a ausência de escolha do mal significa a ausência de toda moralidade, pois essa consiste em escolher corretamente. Como é possível ter moralidade, ou seja, escolher corretamente, se não houver a alternativa oposta de imoralidade, ou seja, escolher incorretamente - em outras palavras, se não houver escolha alguma?

Se, por exemplo, eu for hipnotizado e for assim compelido a sacrificar minha vida por uma causa nobre, porque não tenho alternativa, eu não sou um herói. Por outro lado, se eu ficar louco e matar pessoas, minhas ações homicidas dificilmente podem ser consideradas imorais, porque, quando louco, não sou responsável pelo meu comportamento - tendo perdido meu poder normal de escolha.

O próprio significado de palavras como moralidade, bondade, retidão, altruísmo, heroísmo, etc., implica a ausência de coerção. Cada uma dessas palavras implica pelo menos alguma medida de liberdade de escolha entre alternativas opostas, das quais

se é livre para escolher em certo grau. Se não houver alternativa, se não houver liberdade, então também não há escolha, e se não há escolha, conseqüentemente, não há comportamento bom ou ruim, nenhuma ação correta ou incorreta. Marionetes, porque não possuem iniciativa, não podem escolher erroneamente e, por essa mesma razão, não podem ser agentes morais. Porque seus movimentos não podem ser injustos, portanto, não podem ser justos.

Vamos abordar a questão da existência do mal moral e da responsabilidade por ele, a partir da perspectiva evolucionária da origem do homem - quero dizer, a partir do ponto de vista da teoria de que o homem evoluiu de um estágio inferior, de ser apenas animal.

Nos estágios inferiores da existência, na esfera inorgânica ou sem vida, por exemplo, não há e não pode haver nada parecido com ação moral ou imoral. Não há certo nem errado no comportamento de um pedaço de terra, por exemplo, porque, sendo apenas um torrão de solo, não tem escolha entre alternativas, não possui poder de iniciativa, não é de forma alguma o próprio mestre, é totalmente determinado externamente. Na verdade, não se pode dizer que ele tenha qualquer comportamento verdadeiro, seja bom ou ruim, seja moral ou imoral. Não pode haver responsabilidade e, conseqüentemente, nenhum mal moral, na esfera inorgânica.

Ou, ainda, pode haver muito pouco, se houver, ação certa ou errada por parte de uma simples água-viva, porque ela tem pouca ou nenhuma capacidade de discriminação moral entre o que é certo e o que é errado. Mesmo que tivesse uma consciência e mesmo que possuísse um código moral, ela possuiria praticamente nenhuma capacidade de iniciativa, nenhuma capacidade de responder aos ditames da consciência ou violá-los. Por não possuir poder de escolha entre alternativas morais e imorais, por não possuir iniciativa, autodeterminação na escolha entre alternativas morais e imorais, porque ela deve sempre agir rigidamente de acordo com as forças que a controlam irresistivelmente, ela é sem pecado, mas, pela mesma razão, também é sem nenhum caráter moral justo.

Se, no lento processo de evolução gradual, um tipo particular de ser psíquico, seja homem ou anjo, tivesse sido criado de forma que o mal moral fosse totalmente impossível, esse ser, por essa mesma razão, seria de uma natureza em que a moralidade seria completamente sem sentido, e o que chamamos de retidão seria totalmente impossível. Sem alguma medida de liberdade de escolha entre as alternativas corretas e erradas, não poderia haver moralidade nem imoralidade para qualquer ser. Tal ser seria meramente amorfo, como uma água-viva, para a qual tanto o certo ético quanto o errado moral são completamente sem sentido, desconhecidos, inconcebíveis e, portanto, impossíveis de adoção deliberada. A única possibilidade aberta a um ser que não pudesse escolher o mal seria viver uma vida amorfa, uma existência sem escolha moral.

A raça humana evoluiu a partir de uma ancestralidade não humana, e cada indivíduo evolui a partir de um embrião não moral. Certamente é infinitamente melhor

desenvolver-se, dia a dia, mês a mês, ano a ano, do embrião ao infante, do infante ao menino e, por fim, tornar-se um homem, e, como tal, estar sujeito a escolher errado às vezes, do que permanecer no nível do embrião perfeitamente inocente, mas totalmente amorfo, que não possui iniciativa moral. É melhor entrar na batalha da vida como um agente livre do que, como resultado de um acidente ou de uma doença, tornar-se um idiota e permanecer no plano amorfo e inocente do recém-nascido. Se o homem não tivesse absolutamente nenhuma capacidade de escolher errado, ele estaria em um nível ainda mais baixo - moralmente - do que o cão médio, que, se não tivesse alguns rudimentos de capacidade de iniciativa e alguma medida de capacidade de distinguir entre o certo e o errado, e também alguma habilidade para escolher entre alternativas morais, não seria de forma alguma um animal de estimação ou companheiro desejável para se ter em uma habitação humana. Um homem como os ateus sonham, ou seja, um homem totalmente incapaz de escolher errado, estaria em um plano moral decididamente mais baixo do que o cão de estimação médio. Porque mesmo o cão comum tem um germe rudimentar de consciência, alguma capacidade de iniciativa moral e poder de escolher entre alternativas morais, e, portanto, é em algum grau responsável por suas ações, e é invariavelmente tratado - mesmo pelos deterministas - como um animal que é assim responsável.

Deus é, sem dúvida, responsável pelo desenvolvimento dos embriões humanos até o nível do homem, ou seja, por produzir seres com certa capacidade de escolher entre o certo e o errado; mas são eles - não Ele - os seres humanos que são responsáveis pelo uso que fazem do poder de escolha que cada um possui. O mesmo se aplica a outros seres psíquicos, como os anjos. Deus não criou demônios, eles eram seres psíquicos livres que se tornaram demoníacos por si mesmos.

Se eu der uma bicicleta para meu filho, é sem dúvida minha responsabilidade ampliar, até certo ponto, o espaço da criança e aumentar o escopo de suas atividades, e acrescentar suas possibilidades. Sou eu, sem dúvida, quem aumenta as possibilidades da criança de ter acidentes e se meter em encrencas, bem como de desfrutar de passeios saudáveis e benéficos. Mas os melhores, mais morais e amorosos pais não hesitariam em dar bicicletas a seus filhos quando eles alcançam o estágio em seu desenvolvimento em que podem ser responsáveis por suas próprias ações. É meu dever alertar a criança sobre os perigos óbvios, mas por vezes exagerados por pessoas nervosas, do ciclismo. Mas devo dar à criança uma medida de liberdade que não é apenas boa para um verdadeiro menino, mas que também é absolutamente necessária para a formação de seu caráter. Certamente, é melhor agir assim do que negar-lhe a bicicleta completamente, ou, como alternativa, sempre correr ao lado dele e segurá-lo na bicicleta o tempo todo em que ele estiver andando, ano após ano. Certamente, a primeira alternativa é claramente a mais sábia, a mais gentil e em todos os aspectos a melhor medida a ser adotada.

Ou, de outra forma, alguns pais abastados enviam seus filhos para a escola, enquanto outros os mantêm em casa, a fim de preservá-los da tentação. Alguns deixam seus filhos escolherem entre o certo e o errado, enquanto outros os preservam, tanto quanto possível, de ter que lidar com essa necessidade de escolher entre alternativas.

Qual tipo de pai é mais sábio? Se eu mantiver meu filho envolto em algodão, por assim dizer, e não lhe der nenhuma responsabilidade, eu prejudico suas chances de desenvolver seu caráter, porque é por meio do exercício de seu poder de responsabilidade que ele desenvolve seu caráter.

~

Cyprian Leycester Drawbridge

(Common objections to Christianity, 1914).

Notas:

[1] "Tu quoque" é uma expressão em latim que significa "você também". É uma falácia lógica em que alguém tenta justificar um comportamento ou uma afirmação incorreta ou inconsistente apontando que a outra pessoa também age ou pensa da mesma forma. Em outras palavras, é uma tentativa de desviar a atenção da crítica legítima feita a uma pessoa ou posição, apontando supostas falhas na posição ou comportamento de quem a fez.

John Wesley

John Wesley (1703-1791), renomado clérigo inglês, nasceu em 17 de junho de 1703, na Residência de Epworth, sendo o décimo quinto filho de Samuel e Susanna Wesley. Sua educação precoce, moldada pela orientação de sua mãe, lançou as bases para seu caráter, e as crianças, sob sua instrução, demonstraram progresso notável. Um momento crucial ocorreu em 9 de fevereiro de 1709, quando a residência pegou fogo, e as crianças escaparam por pouco.

Wesley, indicado pelo Duque de Buckingham, passou seis anos como aluno em Charterhouse. Em junho de 1720, ingressou no Christ Church, em Oxford, com uma bolsa anual de £40 como bolsista de Charterhouse. Apesar das dificuldades de saúde e financeiras, ele aproveitou efetivamente suas oportunidades. Seu horário de estudo meticulosamente planejado para 1722, encontrado em seu diário mais antigo, oferece insights sobre seus empreendimentos acadêmicos. Esse diário, que abrange de 5 de abril de 1725 a 19 de fevereiro de 1727, descreve Wesley como um jovem de refinado gosto clássico, possuindo sentimentos liberais e viris, e exibindo vivacidade e humor.

Percepções significativas sobre esse período da vida de Wesley foram obtidas da edição padrão do Journal de Wesley (1909). O Rev. N. Curnock decifrou o difícil código e taquigrafia nos primeiros diários de Wesley, lançando luz sobre novos materiais. Os diários de Wesley revelam que foi em 1725 que uma amiga religiosa, Miss Betty Kirkham, direcionou sua atenção para os escritos de Thomas à Kempis e Jeremy Taylor. Wesley reconheceu que, até aquele ponto, não tinha compreensão da santidade interior e vivia habitualmente contente com pecados conhecidos.

Em 25 de setembro de 1725, Wesley foi ordenado diácono, e em 17 de março de 1726, foi eleito membro de Lincoln. Seus diários privados, incluindo sete sob posse de Mr. Russell J. Colman, de Norwich, oferecem revisões mensais da leitura de Wesley. Os interesses de Wesley abrangiam uma ampla gama, e ele fazia anotações e resumos meticulosos de suas leituras. Ele frequentemente desfrutava de discussões intelectuais durante o café da manhã ou chá com amigos afins e frequentava cafés para ler publicações como o Spectator. Além disso, Wesley tinha paixão por atividades ao ar livre, incluindo passeios a cavalo, caminhadas, natação e tênis.

Ele pregou com frequência nas igrejas próximas a Oxford nos meses seguintes à sua ordenação, e em abril de 1726 obteve licença de seu colégio para atuar como cura de seu pai. O novo material no Journal descreve os aspectos simples de sua vida. Ele lia peças teatrais, frequentava feiras na vila, caçava tarambolas nas terras alagadas e dançava com suas irmãs. Em outubro, retornou a Oxford, onde foi nomeado leitor de grego e moderador das aulas. Ele ganhou considerável reputação nas disputas para seu mestrado em fevereiro de 1727.

Agora livre para seguir seu próprio curso de estudos, ele começou a perder o gosto por companhia, a menos que fosse com aqueles que, como ele, eram atraídos pela religião. Em agosto, retornou a Lincolnshire, onde ajudou seu pai até novembro de 1729. Durante esses dois anos, fez três visitas à universidade. No verão de 1729, esteve lá por dois meses. Quase todas as noites ele estava com o pequeno grupo que se formara ao redor de Charles.

Quando entrou em residência em novembro, foi reconhecido como o líder do Clube Sagrado. Inicialmente, reuniam-se aos domingos à noite, depois toda noite era passada no quarto de Wesley ou de algum outro membro. Eles liam o Novo Testamento em grego e os clássicos; jejuavam nas quartas e sextas-feiras; recebiam a Santa Ceia toda semana; e revisavam toda a sua vida. Em 1730, William Morgan, um estudante irlandês, visitou a prisão e relatou que havia uma grande abertura para o trabalho entre os prisioneiros. Os amigos concordaram em visitar o Castelo duas vezes por semana e cuidar dos doentes em qualquer paróquia onde o pároco estivesse disposto a aceitar sua ajuda.

O espírito de Wesley na época é evidente em seu sermão sobre "A Circuncisão do Coração", pregado perante a universidade em 1º de janeiro de 1733. Em 1765, ele disse que "contém tudo o que ensino agora sobre a salvação de todo pecado e amar a Deus com um coração indiviso." Wesley acordava às quatro da manhã, vivia com £28 por ano e doava o restante de sua renda. Ele já exibia os dons para liderança que teriam um campo tão destacado no avivamento evangélico. John Gambold, membro do Clube Sagrado e futuro bispo moraviano, diz: "Ele era abençoado com tal atividade que sempre estava avançando, e com tal firmeza que não perdia terreno. Suas propostas encantavam a todos, pois o viam sempre o mesmo." Ele tinha uma aparência de autoridade, mas nunca faltava com habilidade, ou "assumia algo acima de seus contemporâneos." Os livros de William Law tiveram grande impacto em Wesley, e por conselho dele, o jovem tutor começou a ler autores místicos. No entanto, percebeu que esses autores tendiam a fazer boas obras parecerem insignificantes e sem sabor, e logo os deixou de lado.

Wesley ainda não havia encontrado a chave para o coração e a consciência de seus ouvintes. Ele afirma: "De 1725 a 1729, preguei muito, mas não vi frutos do meu trabalho. Na verdade, não poderia ser diferente, pois não lançava os alicerces do arrependimento nem pregava o Evangelho, presumindo que todos a quem pregava eram crentes e que muitos deles não precisavam de arrependimento. De 1729 a 1734, lançando alicerces mais profundos de arrependimento, vi um pouco de fruto. Mas era apenas um pouco, e não é surpreendente, pois não pregava a fé no sangue do pacto. De 1734 a 1738, falando mais da fé em Cristo, vi mais frutos da minha pregação".

Ao olhar para esses dias em 1777, Wesley sentiu que "os metodistas em Oxford eram todos um corpo e, como que uma alma; zelosos pela religião da Bíblia, da Igreja Primitiva e, conseqüentemente, da Igreja da Inglaterra; pois acreditavam que ela se aproximava do plano bíblico e primitivo mais do que qualquer outra igreja nacional na

terra." O número de metodistas em Oxford era pequeno, provavelmente nunca ultrapassando vinte e cinco. John Clayton, depois capelão da Igreja Colegiada de Manchester, que permaneceu um forte defensor da Igreja Alta; James Hervey, autor de "Meditações entre as Tumbas" e "Theron e Aspásio"; Benjamin Ingham, que se tornou o evangelista de Yorkshire; e Thomas Broughton, depois secretário da S.P.C.K., eram membros do Clube Sagrado, e George Whitefield juntou-se a ele na véspera da partida dos Wesleys para a Geórgia.

O pai de Wesley morreu em 25 de abril de 1735, e em outubro seguinte, John e Charles embarcaram para a Geórgia, acompanhados por Benjamin Ingham e Charles Delamotte. John foi enviado pela Sociedade para a Propagação do Evangelho e esperava trabalhar como missionário entre os índios, mas embora tenha tido muitas conversas interessantes com eles, a missão foi considerada impraticável. A cabine do "Simmonds" tornou-se um local de estudo para os quatro metodistas. A confiança calma de seus colegas moravianos em meio às tempestades do Atlântico convenceu Wesley de que ele não possuía a fé que afasta o medo. Um conhecimento mais próximo desses amigos alemães em Savannah aprofundou essa impressão. Wesley precisava de ajuda, pois estava cercado por dificuldades. As Sras. Hawkins e Welch envenenaram a mente do Coronel Oglethorpe contra os irmãos por um tempo. A ligação de Wesley com Miss Hopkey também levou a muita dor e decepção. Tudo isso é visto agora com mais clareza na edição padrão do Jornal. Wesley era um alto igrejaieiro rígido, que seguia escrupulosamente cada detalhe das rubricas. Ele insistia em batizar crianças por imersão trina e recusava a Comunhão a um piedoso alemão porque ele não havia sido batizado por um ministro que fosse episcopalmente ordenado. Ao mesmo tempo, foi acusado de "introduzir na igreja e no serviço do altar composições de salmos e hinos não inspecionadas ou autorizadas por qualquer judicatura apropriada." A lista de queixas apresentadas pelos inimigos de Wesley ao Grande Júri em Savannah oferece ampla evidência de seus incansáveis trabalhos por seu rebanho. O alicerce de seu futuro trabalho como o pai da hinologia metodista foi lançado na Geórgia. Sua primeira coleção de salmos e hinos (Charlestown, 1737) contém cinco de suas incomparáveis traduções do alemão, e ao retornar à Inglaterra, ele publicou outra coleção em 1738, com mais cinco traduções do alemão e uma do espanhol. Em abril de 1736, Wesley formou uma pequena sociedade de trinta ou quarenta membros sérios de sua congregação. Ele chama isso de segundo surgimento do metodismo, o primeiro sendo em Oxford em novembro de 1729. A companhia em Savannah se reunia todas as quartas-feiras à noite "para uma conversa livre, iniciada e encerrada com canto e oração". Uma companhia selecionada deles se encontrava na casa paroquial nas tardes de domingo. Em 1781, ele escreve: "Não posso deixar de observar que esses foram os primeiros rudimentos das sociedades metodistas".

Diante de tais fatos, podemos entender a importância da missão para a Geórgia. Wesley registrou muitas autocríticas durante a viagem de retorno e percebeu, posteriormente, que mesmo naquela época ele tinha a fé de um servo, embora não a de um filho. Em Londres, encontrou Peter Bohler, ordenado por Zinzendorf para

trabalhar na Carolina. Por meio de Bohler, Wesley foi convencido de que lhe faltava "a fé pela qual somos salvos". Em 24 de maio de 1738, durante uma reunião em Aldersgate Street, onde estava sendo lida a Prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos, Wesley teve uma experiência transformadora: "Cerca de um quarto para as nove, enquanto descrevia a mudança que Deus opera no coração pela fé em Cristo, senti meu coração estranhamente aquecido. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a salvação; e uma certeza me foi dada de que ele havia tirado meus pecados, até os meus, e me salvado da lei do pecado e da morte." O historiador Mr. Lecky destaca a importância desse evento, afirmando que "é quase uma exageração dizer que a cena que ocorreu naquela humilde reunião em Aldersgate Street forma uma época na história inglesa. A convicção que então surgiu em uma das mentes mais poderosas e ativas da Inglaterra é a verdadeira origem do Metodismo inglês" (História da Inglaterra no Século XVIII, II. 538).

Durante o verão de 1738, Wesley passou algum tempo visitando o assentamento moraviano em Herrnhuth e retornou a Londres em 16 de setembro de 1738, com sua fé grandemente fortalecida. Ele pregou em todas as igrejas que estavam abertas para ele, falou em muitas sociedades religiosas, visitou Newgate e as prisões de Oxford. No Dia de Ano Novo de 1739, os Wesleys, Whitefield e outros amigos tiveram um Banquete do Amor em Fetter Lane. Em fevereiro, Whitefield foi para Bristol, onde sua popularidade era ilimitada. Quando as igrejas foram fechadas para ele, ele falou aos mineiros de Kingswood ao ar livre e, após seis semanas memoráveis, escreveu, instando Wesley a vir e assumir o trabalho. Wesley estava na congregação de seu amigo em 1º de abril, mas diz: "Eu mal podia me reconciliar com essa estranha forma de pregar ao ar livre... tendo sido (até muito recentemente) tão apegado a cada ponto relacionado à decência e ordem, que teria pensado que a salvação das almas era quase um pecado, se não tivesse sido feito em uma igreja". No dia seguinte, Wesley seguiu o exemplo de Whitefield. Seus medos e preconceitos se dissiparam ao perceber que este era o método necessário para alcançar as multidões que viviam em trevas quase pagãs. Ele já tinha os meios para pastorear aqueles que eram impressionados pela pregação. Em 1º de maio de 1738, ele escreveu em seu diário: "Nesta noite, nossa pequena sociedade começou, que depois se reuniu em Fetter Lane". Entre suas "regras fundamentais", encontramos a provisão para dividir a sociedade em grupos de cinco ou dez pessoas que falavam livremente e abertamente sobre o "estado real" de seus corações. Os grupos se reuniam em conferência toda quarta-feira à noite. A sociedade se reuniu pela primeira vez na loja de James Hutton, "The Bible and Sun", em Wild Street, a oeste de Temple Bar. Por volta de 25 de setembro, mudou-se para Fetter Lane. Wesley descreve isso como o terceiro início do metodismo. Com o início da pregação ao ar livre, os conversos se multiplicaram. Eles encontraram o mundo inteiro contra eles, e Wesley aconselhou-os a se fortalecerem mutuamente e a conversarem o máximo que pudessem. Quando tentou visitá-los em suas casas, percebeu que a tarefa estava além dele e, portanto, os convidou para se encontrar com ele nas noites de quinta-feira. Esta reunião foi realizada no final de 1739 na Foundery em Moorfields, que Wesley acabara de adquirir como local de pregação. Graves distúrbios surgiram na sociedade de Fetter Lane, e em 25 de julho de 1740, Wesley se retirou dela. Cerca de 25 homens e 48 mulheres também saíram e se

juntaram à sociedade na Foundery. O centenário do metodismo foi celebrado em 1839, cem anos depois que a sociedade se reuniu pela primeira vez na Foundery.

Em Bristol, a base de operações de Wesley ficava em Horse Fair, onde uma sala foi construída em maio de 1739 para duas sociedades religiosas que costumavam se reunir em Nicholas Street e Baldwin Street. Para custear isso, o Capitão Fox sugeriu que cada membro desse um penny por semana. Quando argumentaram que alguns eram muito pobres para fazer isso, ele respondeu: "Então coloquem onze dos mais pobres comigo; e se eles puderem dar algo, ótimo: eu os visitarei semanalmente e, se não puderem dar nada, darei por eles, assim como por mim." Outros seguiram seu exemplo e foram chamados de líderes, nome dado já em 5 de novembro de 1738 aos responsáveis pelos grupos em Londres. Wesley viu que aqui estava o meio exato que ele precisava para cuidar de seu rebanho. Os líderes tornaram-se assim um corpo de pastores leigos. Aqueles sob seus cuidados formavam uma classe. Tornou-se mais conveniente se reunir, o que proporcionava oportunidade para conversas religiosas e oração. À medida que a sociedade crescia, Wesley percebeu que era necessário "um cuidado ainda maior para separar o precioso do vil". Ele, portanto, organizou-se para encontrar as classes a cada trimestre e dar um "bilhete sob sua própria mão" a todos "cuja seriedade e boa conversa" ele não tinha motivo para duvidar. O bilhete fornecia um meio fácil de proteger as reuniões da sociedade contra intrusos. "Bandas" foram formadas para aqueles que desejavam uma comunhão mais próxima. Love-feasts, para comunhão e testemunho, também foram introduzidos, seguindo o costume da igreja primitiva. As Watchnights foram sugeridas por um mineiro de Kingswood em 1740. Wesley emitiu as regras das sociedades unidas em fevereiro de 1743. Aqueles que desejassem ingressar na sociedade deveriam ter "o desejo de fugir da ira vindoura, de serem salvos de seus pecados". Quando admitidos, deveriam dar evidências de seu desejo de salvação "não fazendo mal; fazendo bem de todo tipo possível; frequentando todos os meios de graça." Esperava-se que todos que pudessem contribuíssem com o penny por semana sugerido em Bristol e dessem uma xelim na renovação de seu bilhete trimestral. No início, Wesley teve que cuidar das contribuições, mas à medida que cresceram, ele nomeou mordomos para receber o dinheiro, pagar dívidas e ajudar os necessitados. O memorável arranjo em Bristol foi feito algumas semanas antes de o campo de trabalho de Wesley se estender para o norte da Inglaterra em maio de 1742. Ele encontrou Newcastle pronto para sua mensagem. O cristianismo inglês parecia não ter poder para elevar o povo. O hábito de beber dram estava se espalhando como uma epidemia. Os clubes de livres pensadores floresciam. "A religião antiga", diz Lecky, "parecia soltar-se por toda parte das mentes dos homens, e, na verdade, muitas vezes não tinha grande influência mesmo sobre seus defensores." Alguns clérigos em paróquias rurais eram trabalhadores dedicados, mas o zelo especial era ressentido ou desencorajado.

A doutrina da eleição levou a uma separação entre Whitefield e os Wesleys em 1741. Wesley acreditava que a graça de Deus poderia transformar cada vida que a recebesse. Ele pregava a doutrina da aceitação consciente com Deus e crescimento diário na santidade. A vitória sobre o pecado era o objetivo que ele estabeleceu para todo o seu povo. Ele fazia seu apelo à consciência na linguagem mais clara, com

argumentos mais convincentes e com todo o peso da convicção pessoal. Ouvintes como John Nelson sentiam como se cada palavra fosse dirigida a eles mesmos. Nenhum pregador do século teve esse domínio sobre sua audiência. Sua doutrina pode ser descrita como Arminianismo Evangélico, e seus padrões são seus próprios quatro volumes de sermões e suas Notas sobre o Novo Testamento.

Até 1742, o trabalho de Wesley estava principalmente concentrado em Londres e Bristol, com as cidades e vilas adjacentes ou os lugares entre eles. Em seu caminho para Newcastle naquele ano, Wesley visitou Birstal, onde John Nelson, o pedreiro, já estava trabalhando. Em seu retorno, ele realizou serviços memoráveis no cemitério de Epworth. O Metodismo se expandiu de Birstal para o West Riding neste ano. Sociedades também foram formadas em Somerset, Wilts, Gloucestershire, Leicester, Warwickshire, Nottinghamshire e no sul de Yorkshire. No verão, Charles Wesley visitou Wednesbury, Leeds e Newcastle. No ano seguinte, ele conquistou Cornwall. O trabalho em Londres estava prosperando. Em 1743, Wesley assegurou um centro no West End, em West Street, Seven Dials, que teve uma história maravilhosa por cinquenta anos. Em agosto de 1747, Wesley fez sua primeira visita à Irlanda, onde obteve tanto sucesso que dedicou mais de seis anos de sua vida ao país e cruzou o Canal da Irlanda quarenta e duas vezes. A Irlanda tem sua própria conferência presidida por um delegado da conferência britânica. A primeira visita de Wesley à Escócia foi em 1751. Ele fez vinte e duas visitas, que agitaram todas as igrejas escocesas.

A expansão de seu campo teria sido impossível se Wesley não tivesse sido auxiliado por um grupo heroico de pregadores. Wesley afirma: "Joseph Humphreys foi o primeiro pregador leigo que me ajudou na Inglaterra, no ano de 1738". Isso provavelmente ocorreu na Sociedade de Fetter Lane, pois Wesley não tinha um local de pregação próprio na época. John Cennick, o escritor de hinos e mestre-escola em Kingswood, começou a pregar lá em 1739. Thomas Maxwell, que foi deixado para encontrar-se e orar com os membros na Foundery durante a ausência dos Wesleys, começou a pregar. Wesley foi a Londres para verificar essa irregularidade, mas sua mãe o instou a ouvir Maxwell por si mesmo, e logo viu que tal assistência era de alto valor. As autobiografias desses primeiros pregadores metodistas estão entre os clássicos do Avivamento Evangélico.

À medida que o trabalho avançava, Wesley realizou uma conferência na Foundery em 1744. Além dele e de seu irmão, quatro outros clérigos estavam presentes, assim como quatro "irmãos leigos". Ficou acordado que "assistentes leigos" eram permitidos, mas apenas em casos de necessidade. Essa necessidade tornou-se mais urgente a cada ano, à medida que o Metodismo se expandia. Um dos pregadores em cada circuito era o "assistente", que tinha supervisão geral do trabalho, enquanto os outros eram "ajudantes". A conferência tornou-se um encontro anual dos pregadores de Wesley. Nas primeiras conversas, a doutrina ocupava um lugar proeminente, mas à medida que o Metodismo se espalhava, a supervisão de sua crescente organização ocupava mais tempo e atenção.

Em fevereiro de 1784, o documento de declaração de Wesley deu à conferência uma

constituição legal. Ele nomeou cem pregadores que, após sua morte, se reuniram uma vez por ano, preencheriam as vagas em seu número, nomeariam um presidente e um secretário, designariam os pregadores, admitiriam pessoas adequadas ao ministério e teriam supervisão geral das sociedades. Em outubro de 1768, uma capela metodista foi inaugurada em Nova York. Na conferência de 1769, dois pregadores, Richard Boardman e Joseph Pilmoor, se ofereceram para ir e cuidar do trabalho. Em 1771, Francis Asbury, o Wesley da América, cruzou o Atlântico. O Metodismo cresceu rapidamente, e tornou-se essencial fornecer aos seus membros os sacramentos. Em setembro de 1784, Wesley ordenou seu ajudante clerical, Dr. Coke, como superintendente (ou bispo), e o instruiu a ordenar Asbury como seu colega. Richard Whatcoat e Thomas Vasey foram ordenados por Wesley, Coke e Creighton para administrar os sacramentos na América. Wesley havia chegado à conclusão em 1746 de que bispos e presbíteros eram essencialmente de uma só ordem.

Ele disse a seu irmão em 1785: "Acredito firmemente que sou um epíscopo tão scriptural quanto qualquer homem na Inglaterra ou na Europa; pois a sucessão ininterrupta eu sei ser uma fábula, que nenhum homem jamais fez ou pode provar." Outras ordenações para a administração dos sacramentos na Escócia, nas colônias e na Inglaterra seguiram. Os interesses de seu trabalho estavam em primeiro lugar com Wesley. Ele fez tudo o que palavras fortes contra a separação poderiam fazer para unir suas sociedades à Igreja da Inglaterra; ele também fez tudo o que documentos legais e ordenações poderiam fazer para garantir a permanência daquele grande trabalho para o qual Deus o havia levantado. Nas palavras do Cânone Overton e do Rev. F. H. Relton (*História da Igreja Inglesa 1714-1800*): "É puramente uma noção moderna que o movimento wesleyano jamais foi, ou jamais foi destinado a ser, exceto por Wesley, um movimento da igreja." Apesar de suas declarações enfáticas, foi Wesley quem rompeu os laços com a igreja, pois, como Lord Mansfield colocou, "a ordenação é separação".

A narrativa da itinerância de Wesley é apresentada em seu famoso "Journal", cuja primeira parte apareceu por volta de 1739. Mr. Birrell o chamou de "o registro mais surpreendente de esforço humano já escrito por homem." Certamente, é a biografia mais pitoresca de Wesley e o relato mais vívido do avivamento evangélico que possuímos. O rápido desenvolvimento de seu trabalho impôs uma tremenda pressão sobre os poderes de Wesley. Ele geralmente viajava cerca de 5000 milhas por ano e pregava quinze sermões por semana. Enfrentava constantes encontros com a multidão, mas sua habilidade e coragem nunca falhavam. Sua regra era sempre encarar uma multidão de frente. Muitas histórias deliciosas são contadas sobre sua presença de espírito e os apelos habilidosos que ele fazia ao sentimento mais nobre da multidão.

Os escritos de Wesley fizeram muito para abrir os olhos de homens sinceros para seus motivos e seus métodos. Além do incomparável "Journal", seus "Apelos aos Homens de Razão e Religião" também tiveram um efeito extraordinário em acalmar preconceitos e conquistar respeito. Ele buscava constantemente educar seu próprio povo. Nenhum homem no século XVIII fez tanto para criar um gosto pela boa leitura e para fornecê-lo com livros a preços acessíveis. Sir Leslie Stephen elogia

profundamente os escritos de Wesley, que iam "direto ao ponto sem um floreio supérfluo". Como reformador social, Wesley estava muito à frente de seu tempo. Ele providenciava trabalho para os pobres merecedores, fornecia roupas e alimentos a eles em épocas de necessidade especial. Os lucros de seus livros baratos permitiam-lhe doar até £1400 por ano. Ele estabeleceu um fundo de empréstimo para ajudar empresários batalhadores e fez muito para aliviar os devedores que haviam sido jogados na prisão. Ele abriu dispensários em Londres e Bristol e tinha grande interesse em medicina.

O dom supremo de Wesley era seu gênio para organização. Ele estava longe de ser ignorante disso. "Eu sei que este é o talento peculiar que Deus me deu." O poder especial de Wesley residia em sua prontidão para se aproveitar das circunstâncias e das sugestões feitas por aqueles ao seu redor. A reunião de classe, a festa do amor, a vigília da noite, o serviço de aliança, líderes, stewards, pregadores leigos, tudo isso foi fruto dessa prontidão para aproveitar as sugestões feitas por homens ou eventos. Wesley habilmente incorporou essas ideias em seu sistema e manteve toda a máquina funcionando harmoniosamente. Ele inspirou seus pregadores e seu povo com seu próprio espírito e tornou tudo subordinado ao seu propósito dominante, a disseminação da santidade bíblica por toda a terra.

Em 1751, Wesley casou-se com Mary Vazeille, uma viúva, mas a união foi infeliz e ela acabou o deixando. John Fletcher, o vigário de Madeley, a quem Wesley havia considerado como um possível sucessor, morreu em 1785. Ele havia ido ajudar Wesley em West Street após sua ordenação em Whitehall em 1757 e havia sido um de seus principais aliados desde então. Era amado por todos os pregadores, e seus "Checks to Antinomianism" mostram que ele era um controversista cortês. Charles Wesley morreu três anos após Fletcher. Nos últimos três anos de sua vida, John Wesley colheu o que havia plantado. Honrarias foram abundantemente concedidas a ele. Seu povo saudava cada aparição com delícia, e suas visitas a várias partes do país eram feriadões públicos. Seu interesse em tudo ao seu redor continuava inabalado. Ele tinha uma riqueza de histórias felizes que o tornavam o companheiro mais encantador nos lares de seu povo. Robert Southey nunca esqueceu como Wesley beijou sua irmãzinha, colocou a mão em sua cabeça e o abençoou. Alexander Knox diz: "Nunca vi um homem idoso tão nobre! A felicidade de sua mente resplandecia em seu rosto. Cada olhar mostrava o quanto ele desfrutava 'A alegre lembrança de uma vida bem vivida'. Para onde quer que Wesley fosse, ele difundia uma porção de sua própria felicidade". Ele pregou seu último sermão na casa do Sr. Belson em Leatherhead na quarta-feira, 23 de fevereiro de 1791; escreveu no dia seguinte sua última carta a Wilberforce, instando-o a continuar sua cruzada contra o tráfico de escravos; e morreu em sua casa na City Road em 2 de março de 1791, em seu octogésimo oitavo ano. Ele foi enterrado em 9 de março no cemitério atrás da capela da City Road. Sua longa vida permitiu que ele aprimorasse a organização do Metodismo e inspirasse seus pregadores e povo com seus próprios ideais, enquanto ele havia vencido a oposição pela paciência incansável e pela adesão estrita aos princípios que buscava ensinar.

Fonte: Britannica (Rev. John Telford)